

Olisipo

BOLETIM TRIMESTRAL DO GRUPO



Amigos de Lisboa



Ano XX — N.º 77 — Janeiro 1957



Companhia de Diamantes de ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

•

Pesquisa e extracção de diamantes
na
PROVÍNCIA DE ANGOLA
em regime de exclusivo



Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Vice-Presidente

Com. Álvaro Morna

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Mr. Firmin Van Brée

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Eng. Rolando Sucena de Sousa

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Silvio Guimarães

PAPELARIA CARLOS

Rua do Ouro, 34, 38
Telef. 2 02 44
Teleg. PAPELCAR
LISBOA

CARLOS FERREIRA, LDA.

Especialidade em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Grande sortido de artigos para
DESENHO E ESCRITÓRIO

Companhia de Seguros Fidelidade

Fundada em 1835

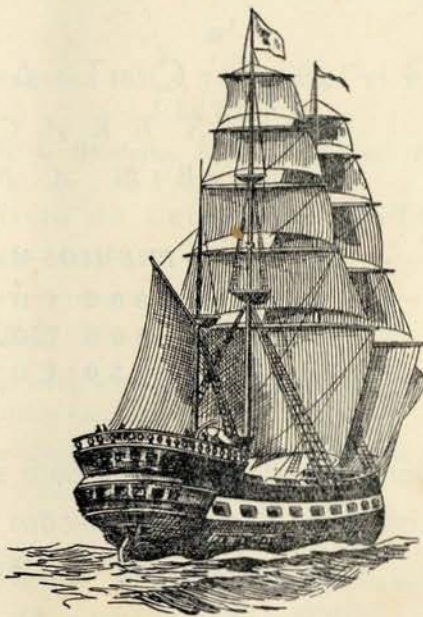
CAPITAL E RESERVAS:

Duzentos setenta e cinco milhões de escudos

LARGO DO CORPO SANTO, 13 — LISBOA

AINDA DURANTE
MUITOS ANOS SAIU
A NAU DA ÍNDIA,
JÁ AS VIDAS E OS
BENS, QUE ANDA-
VAM SOBRE O MAR
FICAVAM SEGUROS
NA

FIDELIDADE





SANTA CASA
DA
MISERICÓRDIA DE LISBOA



L O T A R I A
E X T R A C Ç Õ E S
S E M A N A I S

PRÉMIOS MAIORES

1 0 0 0 C O N T O S

1 0 0 C O N T O S

5 0 C O N T O S

Os lucros líquidos revertem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais instituições de assistência pública, nos termos da legislação em vigor



GAIVOTAS, LDA.

FABRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 663177/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

À alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

LISBOA

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

●
**ON PARLE
FRANÇAIS**

●
**ENGLISH
SPOKEN**

●
Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

●
Rua Augusta, 161 - Telef. 2 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO
Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

Completamente Remodelada

Reabriu de novo, para bem servir a sua numerosa clientela,
com um sortido completo de

*Pincéis, telas e tintas de óleo para aquarela, desenho e guaches das marcas
LEFRANC, WINDSOR, PELIKAN, SCHMINCKE, etc.*

a Papeleria Camões de AUGUSTO FODRIGUES & BRITO, LDA.

42. Praça Luís de Camões 43 — Telef. 2 30 63 — LISBOA



PEUGAS

LONG-LIFE

MOUSSE NYLON

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS
AUTORES

—

Grandes e pequenas
quantidades

—

LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58

Telef. 2 8663 LISBOA



CAMILO
CASTELO
BRANCO

O mais apreciado e o mais português de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras em

80 VOLUMES

CONHEÇA
LEIA
APRECIE
DIVULGUE

CAMILO

Edições da

Parceria António Maria Pereira

RUA AUGUSTA, 44 A 54

Telef. 3 1730 : End. Teleg. PARCEPEREIRA

LIVRARIA
PORTUGAL

Rua do Carmo, 70

LISBOA

Telefone P. P. C. 3 0582, 3 0583 e 2 8220

● **LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS**

Serviço rápido de encomendas

Informações Bibliográficas

Dirijam os seus pedidos à

PORTUGAL

Rua do Carmo, 70 — Lisboa

CRISTÁLIA DE ARTE

de *JOAO BARREIRA, ALVES & DAMAS, LDA.*

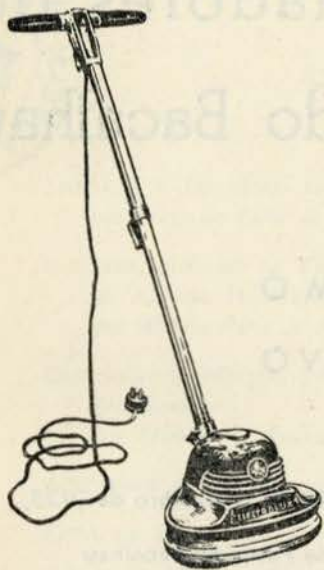
Oficina de: Biselagem, Espelhagem, Gravura e Fosagem / Colocação de vidros em montras e obras em Lisboa e Província

Discos para candeeiros / Vitrais para jazigos / Interruptores / Pára-briza / Portas de automóveis / Molduras / Espelhos / Vidraça / Vidro pulido Nacional e Estrangeiro

Largo da Graça, 26 e

Av. Marquês de Tomar, 51-55 - Tel. 84 98 37 LISBOA

É um prazer encerer com a



ENCERADORA B-9 ELECTROLUX

A mais perfeita técnica a
par da mais alta qualidade

**ELECTROLUX, LDA.
LISBOA**

*Rua Pascoal de Melo, 7
Telef. 5 61 15*

*Rua 1.º de Dezembro, 120-B
Telef. 2 82 46*

Todos os tabacos da

Companhia Portuguesa de Tabacos

**INVICTA - VIC - TIP TOP - SPORTING - TAGUS
PROVISÓRIOS - AVIZ - FRANCÊS - SUPERIOR**

são fabricados pelos processos mais modernos, com tabacos escolhidos das melhores procedências

Porcelanas da
VISTA ALEGRE

. . . apreciadas pelos Lisboetas de bom gosto há mais de



UM SÉCULO

Largo do Chiado, 18 • Rua Ivens, 19 • LISBOA

**Grémio dos Armadores de
Navios de Pesca do Bacalhau**

ORGANISMO

CORPORATIVO

Criado pelo decreto-lei número 26 106, de 23 de Novembro de 1935,

ao qual compete Fomentar a Indústria de Pesca do Bacalhau

BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Artes Gráficas



FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET"-DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7

Telef. 21368 - 21227 - 30054 — LISBOA

Oferta

27. JUL. 1988

M.

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XX

JANEIRO DE 1957

NÚMERO 77

Director: MATOS SEQUEIRA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 257 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16
Direcção gráfica de Luís Moita



SUMÁRIO

	Pág.
LISBOA E S. LOURENÇO DE BRINDES por <i>Francisco Leite de Faria</i>	3
PALESTRA, proferida na Visita de Estudo dos «Amigos de Lisboa» ao Arquivo Histórico Militar em 17 de Novembro de 1956 por <i>Alberto Faria de Moraes</i>	26
DOCUMENTOS INÉDITOS, colhidos nos apontamentos de um Cronista Franciscano por <i>Ferreira de Andrade</i>	32
ACTIVIDADE CULTURAL no trimestre passado	39
FEIRA DA LADRA... ..	41
ACÇÃO CULTURAL durante o ano de 1956	45
ALGUMAS EDIÇÕES da Câmara Municipal de Lisboa	
LIVROS, edições do Grupo e dos Sócios	
CAPA: A Alcáçova (Lisboa - Séc. XVI)	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

Lisboa

e

S. LOURENÇO DE BRINDES

por FRANCISCO LEITE DE FARIA

S. Lourenço de Brindes, Franciscano da austera reforma dos Capuchinhos que entre nós se chamavam Barbadinhos, foi figura proeminente da Igreja Católica em princípios do século XVII.

Na sua Ordem ocupou lugares de relevo, Commissário na Alemanha, Provincial em várias regiões da Itália, na Áustria e na Suíça, Geral, isto é, superior supremo de todos os seus frades, de 1602 a 1605, anos em que percorreu a Itália, a França, a Suíça e a Espanha, a visitar os numerosos conventos dos seus religiosos.

Pregador de nomeada, as cidades de Itália ouviram-lhe a voz, impregnada de zelo apostólico e repassada dum profundo conhecimento da Sagrada Escritura. Este zelo de apóstolo e este conhecimento profundo da Bíblia levaram-no, quando o ensejo lho proporcionou, a notabilizar-se em controvérsias com Judeus, na Itália, e com Protestantes, nos diversos estados do Sacro Germano Império, isto é, na Áustria, na Alemanha e na Checoslováquia.

Os seus sermões, as controvérsias que teve, os comentários que fez às Escrituras só nos nossos dias se começaram a publicar e já apareceram dezassete grossos volumes, cientificamente editados. Isto fez com que nos últimos anos muito se tenha escrito para que S. Lourenço de Brindes seja proclamado Doutor da Igreja, como há tempos aconteceu com o nosso Santo António.

Além desta extraordinária actividade religiosa, o Santo Barbadinho desenvolveu notável acção diplomática. No Império Austríaco, onde

várias vezes se encontrou, nos diversos Estados da Itália de então, na Espanha de Filipe III, aonde veio três vezes, tratou de assuntos referentes à exaltação do Catolicismo e ao bem-estar dos povos, com imperadores, reis, príncipes e governadores.

Precisamente uma destas missões diplomáticas trouxe-o a Lisboa em 1619 para falar com Filipe III, que visitava oficialmente Portugal. Ao Santo sobreveio-lhe a morte quando se encontrava entre nós e por isso, desde a sua beatificação que teve lugar em 1783, as igrejas de Lisboa, por privilégio da Santa Sé, comemoram-no e os sacerdotes do Patriarcado celebram-lhe a missa em 22 de Julho, aniversário do seu falecimento.

Se desde a sua morte a devoção popular dos lisboetas o tivesse acarinhado, se o seu corpo tivesse aqui ficado e, à volta do sepulcro, lhe tivessem erguido uma igreja que fosse centro de peregrinações, talvez hoje, com os protestos dos Italianos, tivéssemos um S. Lourenço de Lisboa em vez de S. Lourenço de Brindes, como aconteceu com Santo António, que apesar dos nossos protestos, no estrangeiro é apenas conhecido como Santo António de Pádua.

O facto de S. Lourenço de Brindes ter morrido em Lisboa e o que em tempos idos esta cidade fez para o honrar, são acontecimentos esquecidos. Muito grato, portanto, é lembrá-los, para melhor conhecimento da história e das glórias olisiponenses.

Em Maio de 1618, Fr. Lourenço de Brindes assistira em Roma ao Capítulo Geral dos Barbadinhos, onde o elegeram Definidor, isto é, um dos quatro Assistentes do Geral. Depois do Capítulo dirigia-se para Brindes, terra onde nascera, a fim de visitar o mosteiro de Capuchinhas, construído a expensas do seu grande amigo e devoto, o duque Maximiliano da Baviera, quando um ataque de gota o obrigou a deter-se em Nápoles.

Os deputados napolitanos, isto é, os vereadores da cidade, logo que tiveram notícia da presença dum religioso que tanto se notabilizara em embaixadas a príncipes e reis, foram-lhe pedir que aceitasse o encargo de representar a Filipe III os agravos que recebiam do duque de Osuna e conseguir que se lhes fizesse justiça.

O reino de Nápoles pertencia então à Espanha, que o governava por meio dum vice-rei, e os Napolitanos queixavam-se da enormidade dos impostos, do alojamento e sustentação que tinham de dar a milhares de soldados estrangeiros, e das tropelias que estes cometiam; acrescia o

facto de a sua própria gente estar a servir longe da pátria, em guerras que os não interessavam, e finalmente ajuntavam-se as arbitrariedades e injustiças do vice-rei, duque de Osuna. Portugal também se podia queixar de agravos semelhantes, que profundamente sentidos pelo povo, fizeram surgir, vinte e dois anos depois, a manhã luminosa do primeiro de Dezembro de 1640.

O Barbadinho, que era súbdito napolitano, pois Brindes pertencia ao reino de Nápoles, compartilhava os sentimentos e desejos dos camaristas, mas, como religioso, não poderia fazer uma viagem até Espanha sem licença dos Superiores. Assim decerto respondeu, quando instavam com ele para aceitar o encargo e lhe diziam que, pouco antes, o duque de Osuna lhes dera licença de enviarem a Filipe III um emissário para expor a situação do reino. Os deputados, porém, apresentaram-lhe ordem ou licença, passada pelo cardeal Peretti, protector dos Capuchinhos, para fazer esta viagem e Fr. Lourenço já se não pôde recusar.

A 3 de Outubro embarcou para Roma, aonde chegou no dia 12 e, sem se deter, seguiu logo no dia seguinte para Génova. O duque de Osuna fizera no entanto todo o possível para impedir esta viagem. Primeiro propôs que fosse outro o emissário dos camaristas, no que não foi atendido; depois, valendo-se da muita influência que tinha em Roma, conseguiu que a Santa Sé retirasse a ordem ou licença dada a Fr. Lourenço. A notícia encontrou em Génova o Barbadinho que aí continuou à espera dum contra-ordem, como era de prever.

Foi isso o que aconteceu. Filipe III fora avisado da próxima chegada de Fr. Lourenço e soubera como o duque de Osuna conseguira que a Santa Sé lhe proibisse a viagem, o que se poderia considerar como intromissão em assuntos internos dum estado vizinho. Desgostado talvez com isso e desejoso de se encontrar uma outra vez com o Barbadinho, de quem conservava grata lembrança aquando da sua visita a Madrid em 1609 para tratar de assuntos que lhe encomendaram os príncipes católicos da Alemanha, o monarca espanhol deu ordem ao seu embaixador em Roma para conseguir da Santa Sé a revogação da injusta e intromissiva proibição, imposta a Fr. Lourenço (1).

Assim se fez e o Barbadinho, acompanhado pelo irmão leigo Fr. João Maria de Monteforte, da Província dos Capuchinhos de Veneza, e pelo

(1) Sobre estas peripécias e sobre as queixas dos Napolitanos levadas por S. Lourenço a Filipe III, vejam-se os documentos publicados em *Analecta Ordinis Minorum Capuccinorum*, xxxvi, 1920, págs. 138-163 e LXV, 1949, págs. 123-127.

Padre Jerónimo de Casalnuovo, da de Nápoles, embarcou em Génova, na esquadra de galeras venezianas, a 5 de Abril de 1619. Desembarcou na Catalunha e, percorrendo em trabalhosa viagem a árida região aragonesa, foi até Madrid, onde já estava no 9 de Maio ⁽²⁾; aqui soube que Filipe III, no 22 de Abril, tinha seguido para Portugal, reino que, apesar de ser o mais rico florão da sua coroa, ia visitar por primeira e única vez no seu longo reinado.

Fr. Lourenço hospedou-se decerto no convento de Capuchinhos de Santo António do Prado, situado perto do local onde hoje se encontra o famoso museu, convento para cuja fundação contribuíra em 1609, e seguiu logo viagem a fim de encontrar quanto antes o rei. Esteve, portanto, poucos dias em Madrid; o núncio nesta cidade, escrevendo em 18 de Maio ao cardeal Cipião Borghese, secretário de Estado de Paulo V, dizia que o padre Brindes se detivera ali muito pouco tempo, nem sequer o tinha ido visitar, e partira logo no encalço de Filipe III ⁽³⁾.

O Barbadinho seguiu provavelmente o caminho trilhado pelo rei de Espanha; entrou, portanto, em Portugal por Elvas e passou por Estremoz, Évora e Montemor, hospedando-se nos conventos franciscanos dessas povoações, como o fizera o monarca ⁽⁴⁾.

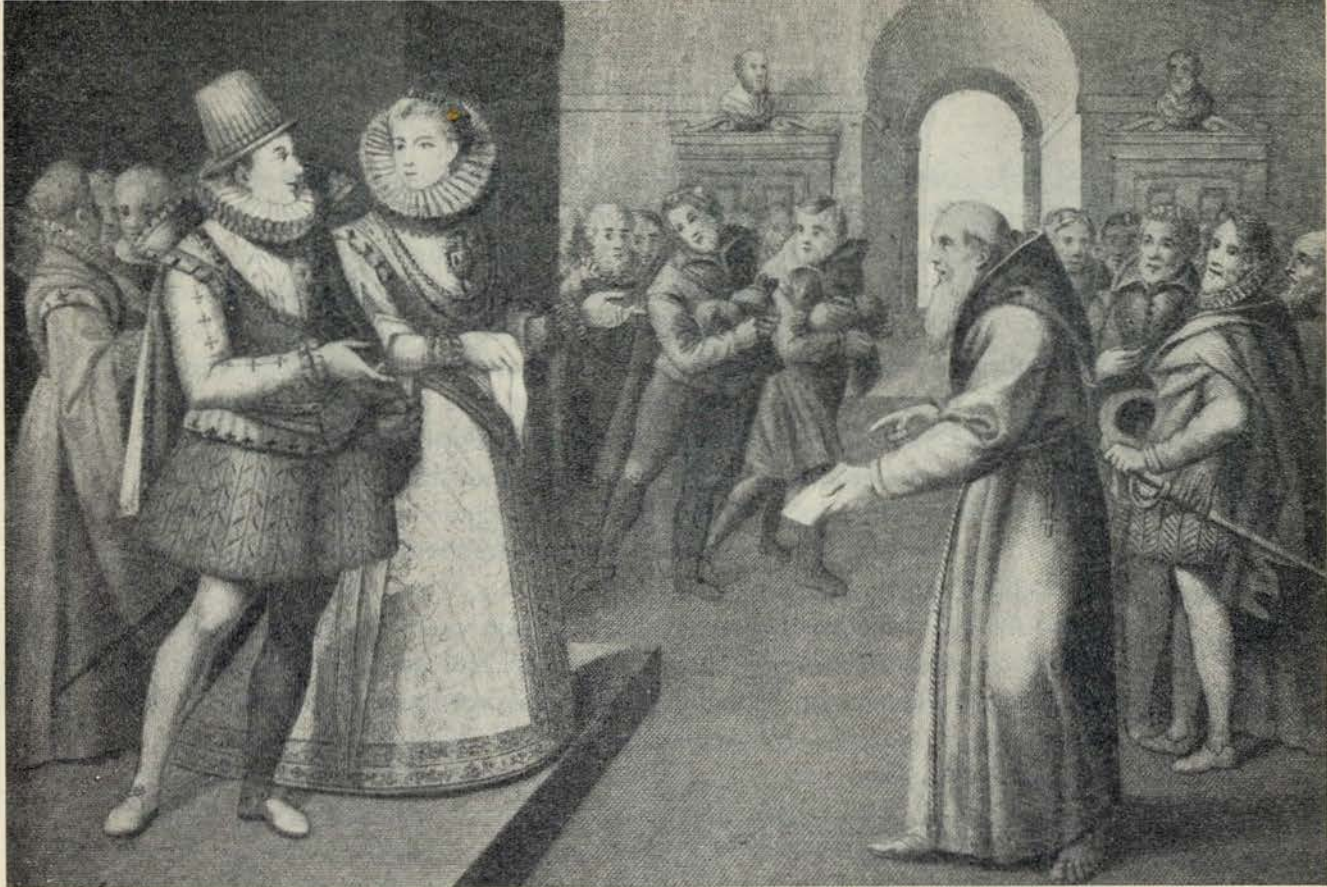
Filipe III chegou a Almada em 24 ou 26 ⁽⁵⁾ de Maio e aí permaneceu até 5 de Junho, à espera de que Lisboa se ataviasse para o receber festivamente. Em Almada Fr. Lourenço alcançou a comitiva régia, pois em cartas de 28 de Maio e de 1 de Junho, escritas aos deputados de Nápoles, dizia que falara com o rei várias vezes; na primeira audiência tinha-se demorado duas ou três horas e depois Filipe III

⁽²⁾ Bib. Vaticana, cód. Urbin. lat. 1087, fl. 325 r, *Avviso del 9 maggio*.

⁽³⁾ Bib. Vaticana, cód. Borghese II, 258, fl. 183 r.

⁽⁴⁾ João Baptista Lavanha, *Viagem da Catholica Real Magestade del Rey D. Filipe II. N. S. ao Reyno de Portugal*, Madrid, 1622; Manuel Severim de Faria, *Historia Portugueza E de outras Provincias do Occidente Desde o Anno de 1610 até o de 1640*, em Lisboa, Bib. Nac., *Fundo geral*, cód. 241, fls. 129 r-160 r, e Francisco Rodrigues Lobo, *La Jornada que la Magestad Catholica del Rey Don Felipe III hizo a Portugal El Año de 1619*, em *Obras politicas, moraes e metricas do insigne Portugues Francisco Rodrigues Lobo*, Lisboa, 1723, págs. 653-703, relatam esta viagem do intruso Filipe com uma lastimável subserviência, digna de melhor objecto.

⁽⁵⁾ Segundo J. B. Lavanha, *ob. cit.*, fl. 7 r, Filipe III chegou na noite de 26; M. Severim de Faria, *ob. cit.*, fl. 133 r, diz que o facto se deu na noite do 24.



Gravura de Ribera, o Espanholeta, representando a audiência de S. Lourenço de Brindes com Filipe III em 1609

mandara-o chamar com frequência, mostrando-se disposto a satisfazer os desejos dos Napolitanos ⁽⁶⁾.

Fr. João Maria, um dos companheiros de Fr. Lourenço, afirmou que o rei soube logo da sua chegada, que foi ao fim duma tarde, e no dia seguinte de manhã, ao levantar-se, mandou chamá-lo; depois do meio dia voltou a chamá-lo, entreteve-se com ele umas três horas em conversa muito amável, que o próprio Fr. João Maria ouviu, e disse-lhe que voltasse sempre que quisesse, pois sempre seria recebido ⁽⁷⁾.

⁽⁶⁾ Veneza, Arq. de Estado, *Dispacci da Napoli*, maço 37, n.º 208, com data de 16 de Junho de 1619.

⁽⁷⁾ *Brundusina Beatificationis et Canonizationis Patris Laurentii a Brundusio... Summarium super Dubio an constet de Virtutibus...*, Roma, 1766, págs. 320-321, § 3.

Na comitiva real vinha desde Madrid, com o seu filho D. Garcia de Toledo, duque de Fernandina, D. Pedro de Toledo, marquês de Villafranca, príncipe de Montalbán e conde de Peñaramiro, o qual muitos anos atrás fora capitão-general da esquadra de galeras de Nápoles, exercera depois cargos militares em Flandres, Portugal e Açores, e últimamente tinha sido governador de Milão e capitão-general dos exércitos de Filipe III na guerra contra o duque de Sabóia, motivo que lhe obteve o título de Grande de Espanha. Muito lidara então com Fr. Lourenço, que se esforçava por apaziguar as desavenças entre os príncipes da Itália e lhe acompanhou as tropas em campanha, animando-as e abençoando-as; contavam-se milagres feitos pelo frade e o marquês de Villafranca ficara-lhe sumamente dedicado e devoto.

Ao ter conhecimento de que Fr. Lourenço viera falar com Filipe III, tomou-o logo sob a sua protecção, o que levou os deputados de Nápoles a agradecer-lho em 29 de Julho ⁽⁸⁾, quando apenas tinham recebido do Barbadinho as cartas, atrás citadas, de 28 de Maio e 1 de Junho; não contente com isso, levou-o para sua casa, conforme o testemunho do Padre António Núñez de Quiroga que então se encontrava em Lisboa como capelão do marquês ⁽⁹⁾.

O citado Fr. João Maria também disse que na tarde em que chegaram a Almada se foram hospedar na casa onde morava D. Pedro de Toledo, por ali não haver convento de Capuchinhos; o capitão napolitano João Ortiz de Salazar, que em fins de Junho entrou pelo Tejo comandando a Galera Real, afirmou ter ouvido dizer que fora o próprio Filipe III quem recomendara ao marquês de Villafranca que hospedasse o Barbadinho ⁽¹⁰⁾.

O monarca espanhol, não estando bem acomodado na pequenina vila de Almada, transferiu-se em 5 de Junho para o mosteiro dos Jerónimos a fim de continuar aí à espera de que Lisboa se acabasse de ataviar para o receber em ar de festa. Também nesta nova residência recebeu várias vezes Fr. Lourenço; Francisco Pimentel y Osório, que servia em casa do marquês, afirmou ter então ouvido dizer que Filipe III mandara que a porta dos seus aposentos em Belém estivesse sempre aberta

(8) Esta carta foi publicada em *Analecta Ordinis etc.*, xxxvi, 1920, pág. 158.

(9) Lúcio Maria Núñez, *Los Procesos de 1630 y 1677 para la Beatificación de S. Lorenzo de Brindes*, em *Archivo Ibero-Americano*, xii, 1919, pág. 325.

(10) *Brundusina etc.*, págs. 230, § 3, e 332, § 53.

para o Barbadinho e, segundo Fr. João Maria, as audiências régias foram cinco ⁽¹¹⁾, as duas primeiras, pelo menos, em Almada e as outras três nos Jerónimos.

Finalmente a 29 de Junho, dia de S. Pedro, o rei de Espanha subiu o Tejo na Galera Real, com grande acompanhamento de navios, até ao Cais da Ribeira e desembarcou no Terreiro do Paço. A cidade estava profusamente engalanada; as ruas por onde passaria o cortejo até à Sé, estavam enxameadas de arcos alegóricos e festivos, feitos pelas diversas colónias estrangeiras residentes em Lisboa e pelos vários ofícios ou misteres da capital. O monarca alojou-se no Paço da Ribeira e decerto também aí teria recebido Fr. Lourenço, se este lho fosse pedir.

Estava ele então instalado com os seus dois companheiros numa casa da Rua de Cataquefarás, junto à antiga igreja de S. Paulo; afirmaram-no, nos processos que se fizeram para o beatificar, diversas pessoas que então se encontravam em Lisboa ⁽¹²⁾.

Nessa casa morava o marquês de Villafranca, que decerto aí se instalou logo que, com a mais comitiva de Filipe III, chegara a Almada. Nesta pequenina vila deve ter havido dificuldade para alojar a muita gente que acompanhava o rei espanhol e por isso bem pode ser que alguns se tenham logo trasladado a Lisboa, que está mesmo em frente, do outro lado do Tejo. Enquanto Filipe III se deteve na outra banda, era tanta a gente que o ia ver e visitar, que o rio estava coalhado de barcos, como refere Severim de Faria ⁽¹³⁾; este grande movimento no Tejo explica-se melhor se alguns membros da comitiva régia vinham comer e dormir a Lisboa.

Aquela casa da Rua de Cataquefarás talvez fosse alugada ou poderia ser a que usava D. Fradique de Toledo, filho do marquês de Villafranca, nas suas frequentes estadias em Lisboa como capitão-general da Armada do Mar Oceano, a qual, durante a ocupação filipina, passava longos meses de inverno em Cádiz e na capital portuguesa; precisamente poucos dias depois de Filipe III sair de Lisboa, entrava no Tejo em 5 de Outubro a referida armada, às ordens de D. Fradique de Toledo ⁽¹⁴⁾.

⁽¹¹⁾ *Ibidem*, pág. 322, e *Brundusina etc.*, pág. 320, § 3.

⁽¹²⁾ Jacinto De Rossi, por exemplo, disse que essa casa estava *presso alla Croce di Castifaras* [sic] *dirimpetto a San Paolo* (*Brundusina etc.*, pág. 328, § 39). A Cruz de Cataquefarás estava, portanto, muito perto da antiga Igreja de S. Paulo.

⁽¹³⁾ M. Severim de Faria, *ob. cit.*, fl. 134 v.

⁽¹⁴⁾ J. B. Lavanha, *ob. cit.*, fl. 75 v.

Na Rua de Cataquefarás, em tempos da dinastia de Avis, abundavam as tabernas, com típicos ramos nas portas, como o dizia Gil Vicente no *Pranto de Maria Parda* com os seguintes versos:

«Rua de Cata que faras,
que farey: e que faras
quando vos vi tais, chorey
e torneyme por detras
que foy do vosso bom vinho
e tanto ramo de pinho
laranja, papel, e cana,
onde bebemos Joana
e eu, cento e hum cinquinho.» (15)

Durante a ocupação filipina, sem perder decerto essa sua fisionomia, a referida rua passou a ser frequentada por Espanhóis, que muito perto tinham tribunal e calabouço privativos. Assim se depreende destes versos duma descrição de Lisboa em 1625:

«Crus de Cataquefaras
celeberima frequência
de Espanhoes que nesta parte
tem sua Audiencia & cadea.» (16)

Os Espanhóis turbulentos, que com o ardor do vinho se enca-deavam em zaragatas, da taberna passavam, portanto, para o tribunal e deste para o calabouço, sem terem de dar muitos passos.

O terremoto destruiu completamente aquela rua, que devia mais ou menos seguir o traçado da actual Rua de S. Paulo. Muito perto, ou talvez até em parte do seu traçado, estão umas escadinhas, que unem as ruas do Alecrim e das Flores e que no século passado se chamavam Travessa de Cataquefarás; em 1881 a Câmara mudou esse nome para Travessa do Alecrim e foi pena, pois assim desapareceu da toponímia da cidade um chamaçoiro antiquíssimo e popular.

Na Rua de Cataquefarás, portanto, estava hospedado Fr. Lourenço; à mesa alimentava-se só de vegetais e a missa, que celebrava no oratório

(15) *Compilacão de todas as obras de Gil Vicente*, Lisboa, 1562, fl. CCLIX v.

(16) *Relac.ão em que se trata, e faz bũa brene descriçã dos arredores mais chegados à Cidade de Lisboa, & seus arrebalde, das partes notaveis, Igrejas, Hermidas, & Conuentos que tem come candologo [sic] da barra, vindo corredo [sic] por toda a praya até Enxobregas, & dabi pella parte de cima até Saõ Bento o nouo. Em Lisboa por Antonio Alvarez. Anno 1625* (no fl. 3 v não numerado).

da casa, demorava três horas exactas; disse-o o padre Núñez de Quiroga que, com os companheiros do Barbadinho, se revezava para lhe ajudar á partes da missa ⁽¹⁷⁾.

D. Pedro de Toledo, o seu filho D. Garcia e toda a criadagem da casa tratavam Fr. Lourenço como se fosse um santo. Um dia desta sua estadia em Lisboa, D. Garcia sentiu-se muito doente e, com medo de morrer, mandou chamar o Barbadinho que logo lhe acudiu e o consolou, afiançando-o de que ainda havia de viver, pois tinha de dar duas grandes vitórias à Espanha; no dia seguinte achou-se curado e, anos depois, alcançou para as armas espanholas duas grandes vitórias no mar. Assim testemunharam tê-lo ouvido dizer a sua irmã D. Maria de Toledo, freira em Villafranca, e o padre Pedro Morín, cónego na mesma vila espanhola ⁽¹⁸⁾.

Não só a gente da casa do marquês tratava Fr. Lourenço com reverência e devoção; faziam-no também muitas pessoas de fora, que procuravam ansiosamente adquirir estampas de papel com o nome de Jesus, abençoadas e distribuídas pelo Barbadinho; disse-o o Franciscano conventual Jaime Filipe Capitâneo, que então estava em Lisboa e obteve uma dessas estampas ⁽¹⁹⁾. António de Quiroga Sotomayor, criado do marquês, afirmou ter visto como Fr. Lourenço era muito bem tratado em Lisboa por importantes personagens e pelo próprio Filipe III ⁽²⁰⁾. Do Arcebispo de Évora, D. José de Melo, irmão bastardo do marquês de Ferreira, conta-se ter dito que bastava ver aquele Capuchinho para nos animarmos a fazer o que fosse mais difícil e só S. Paulo o poderia exceder em majestade e respeito ⁽²¹⁾. D. Baltasar de Zúñiga, aio do príncipe Filipe, o futuro Filipe IV, também mostrava em Lisboa muita veneração por Fr. Lourenço, que anos atrás conhecera na Alemanha e muito louvara numa carta que escreveu a Filipe III ⁽²²⁾.

Enquanto Fr. Lourenço estava em Lisboa, o duque de Osuna, que tanto se esforçara por lhe impedir esta viagem, não se descurou. Para

⁽¹⁷⁾ L. M. Núñez, *art. cit.*, págs. 324-325.

⁽¹⁸⁾ *Ibidem*, págs. 331-332 e 336-337.

⁽¹⁹⁾ Hieronymus A Fellette, *Sancti Laurentii a Brundusio Zelus apostolicus ac Scientia*, Veneza, 1937, pág. 132, e *Brundusina etc.*, pág. 48, § 33.

⁽²⁰⁾ L. M. Núñez, *art. cit.*, pág. 327.

⁽²¹⁾ Francisco de Ajofrin, *Vida, Virtudes y Milagros del Beato Lorenzo de Brindes*, Madrid, 1784 (pág. 498 na ed. de Madrid, 1904).

⁽²²⁾ Esta carta, datada de 20 de Junho de 1609, foi publicada por Felix Stieve, *Vom Reichstag 1608 bis zur Gründung der Liga*, Munique, 1895, pág. 700.

desfazer as acusações que contra ele fazia o Barbadinho, enviou à capital portuguesa o doutor Carlos Grimaldi e fez apresentar ao rei dois memoriais que relatavam as benemerências do seu governo na Sicília (1612-1616) e em Nápoles (1616-1619) ⁽²³⁾; o respeitante a Nápoles foi apresentado em 12 de Julho e, ainda que não cite o nome de Fr. Lourenço, não há dúvida que se referia às queixas que este levava ⁽²⁴⁾.

A 14 de Julho teve lugar na Sala dos Tudescos do Paço da Ribeira o juramento do príncipe herdeiro; a cerimónia revestiu um brilho excepcional mas Fr. Lourenço, embaixador de Nápoles, não pôde estar presente, como talvez lhe competisse, porque lhe sobreviera uma grave desinteria, com muita febre. Segundo Fr. João Maria, a doença durou uns vinte e nove dias; nos primeiros cinco ainda pôde dizer Missa sem as demoras acostumadas, mas nos dias seguintes já lhe não foi possível fazê-lo ⁽²⁵⁾. Como viria a morrer em 22 de Julho, adoeceu em fins de Junho, nas vésperas da entrada de Filipe III em Lisboa. O capitão Ortiz de Salazar disse que a doença teria durado uns dezasseis ou dezassete dias ⁽²⁶⁾; Pedro Contarini, embaixador de Veneza em Madrid, comunicou em 20 de Julho para o seu governo que o Padre Brindes, nos dias anteriores, estivera a morrer em Lisboa ⁽²⁷⁾. A informação de Fr. João Maria, que era um dos companheiros de Fr. Lourenço, é, contudo, a mais digna de crédito.

Muitas pessoas importantes iam então visitar o venerando doente. Jacinto De Rossi, que estava ao serviço de D. Baltasar de Zúñiga, por encargo do amo ia vê-lo duas ou três vezes todos os dias e Filipe III, que enviara os seus médicos para o tratarem, mandava perguntar pela sua saúde uma vez por dia. O virtuoso frade conheceu de antemão que ia morrer; na véspera chamou os dois companheiros, agradeceu-lhes os favores que lhe tinham prestado, pediu-lhes perdão das faltas que para com eles tivesse cometido e recomendou-lhes que fossem suplicar ao Padre Geral que, em nome de todos os Barbadinhos já que de todos era chefe,

⁽²³⁾ Assim o diz o diário de Francisco Zazzera, no trecho editado em *Analecta Ordinis*, vol. cit., pág. 163.

⁽²⁴⁾ *Cópia de un memorial que por parte del Duque de Osuna se dio a su Magestad en Lisboa, a 12. de Julio de 1619. del tiempo que ha que gobierna el Reyno de Napoles*, folheto de 5 fls., sem lugar nem data de impressão e de que há um exemplar na Bib. Nac. de Madrid.

⁽²⁵⁾ *Brundusina etc.*, pág. 321, § 4 a 7.

⁽²⁶⁾ *Ibidem*, pág. 332, § 54.

⁽²⁷⁾ Veneza, Arq. de Estado, *Dispacci da Madrid*, 1619, n.º 34.

lhe perdoasse todas as inconveniências que contra qualquer deles tivesse praticado. Pediu ainda ao Padre Fr. Jerónimo que alcançasse do mesmo Geral licença para Fr. João Maria ir ter com o duque Maximiliano da Baviera a fim de lhe transmitir umas recomendações secretas. Em seguida, a sós com Fr. João Maria, referiu-lhe essas recomendações.

No dia seguinte de manhã pediu que lhe administrassem o Viático, o que foi feito pelo Padre Fr. Jerónimo, na presença de todo o pessoal da casa do marquês. De tarde pediu a Extrema-Unção, que lhe vieram dar dois Franciscanos Observantes, decerto do vizinho convento de S. Francisco da Cidade, os quais ali ficaram até Fr. Lourenço expirar. Além da gente da casa, compareceram várias pessoas de fora, como Jacinto De Rossi, o capitão Ortiz de Salazar, o Padre Capitâneo, o fidalgo milanês conde Melzi e outros decerto.

Pedindo-lhe todas essas pessoas que as abençoasse, o moribundo, que já não podia falar, alevantou os olhos para o alto e estendeu a mão para fazer o sinal-da-cruz. Pouco depois, eram as 22 horas que equivaliam mais ou menos ao princípio do pôr do sol, o virtuoso Barbadinho expirou ⁽²⁸⁾.

Antes de morrer, Fr. Lourenço chamara o marquês de Villafranca e entregara-lhe uma carta para Filipe III, na qual se lhe queixava de o não ter devidamente atendido no caso de Nápoles e o citava para o tribunal divino, aonde ele, Fr. Lourenço, estava prestes a chegar e para onde, dentro de dois anos, iriam o rei e o papa. D. Pedro de Toledo entregou a carta, mas o rei não a abriu e, quando faleceu em 31 de Março de 1621, encontraram-na ainda fechada no seu quarto; o papa Paulo V morrera no anterior 28 de Janeiro, cumprindo-se assim a profecia do moribundo. Sórora Beatriz da Cruz, filha do conde de Miranda Henrique de Sousa, no século chamava-se D. Brites de Vilhena, a qual tinha sido dama do paço em Madrid e se fizera freira nas Claristas de Lerma, contou este caso, ao passar por Villafranca pouco tempo depois, à filha de D. Pedro de Toledo, sórora Maria da Trindade, que o referiu em 1630 no processo que se fez para beatificar Fr. Lourenço ⁽²⁹⁾.

Filipe III, portanto, não fez caso das queixas que o Barbadinho lhe expôs em nome dos Napolitanos; nem admira que assim fosse, pois afinal

⁽²⁸⁾ Estes pormenores constam das deposições que fizeram vários dos circunstantes, principalmente Fr. João Maria de Monteforte. Ver *Brundusina etc.*, págs. 321-323, § 7 a 17; 331-332, § 51-52; 333, § 54-55; 328, § 39-40.

⁽²⁹⁾ L. M. Núñez, *art. cit.*, págs. 335-336.

tais queixas visavam a administração filipina no seu conjunto. Nápoles, reino submetido, tinha de contribuir com pesados impostos e com muitos soldados para as conveniências dos extensos domínios de Castela. A tropa napolitana não deveria ficar detida na sua pátria, pois isso poria em grave perigo a sua submissão a Castela; a soldadesca estrangeira estacionada em Nápoles tinha naturalmente de ser sustentada pelos Napolitanos e cometia tropelias, muitas delas abertamente contrárias à moralidade, mas isso era próprio da estadia de tropa estranha em qualquer país. As arbitrariedades e prepotências do duque de Osuna também eram peculiares dos governantes espanhóis daquela época. Aliás, D. Pedro Téllez de Girón, conhecido na história da Espanha como o *grande duque de Osuna*, era um dos magnates principais do tempo de Filipe III e muito difícil seria desalojá-lo do cargo, apenas com as queixas que trazia Fr. Lourenço; por isso em 1619, pouco depois da morte do Barbadinho, o rei confirmou-o por mais três anos no alto posto que ocupava. Em 1620 destituíram-no, é certo, e substituiu-o o cardeal Borja y Velasco, que então representava a Espanha no Vaticano, mas o motivo invocado foi a acusação de que se queria fazer rei independente de Nápoles, o que, apesar de ser uma calúnia, como hoje a história o admite, era caso muito sério para os governantes de Madrid. Começaram a fazer-lhe um processo; quando o conde-duque de Olivares subiu ao poder em 1621, meteram-no na cadeia e aí morreu em 1624 sem que o processo se chegasse a ultimar.

O Barbadinho expirou na tarde de 22 de Julho, em casa do marquês de Villafranca. Num salão dessa casa colocaram sobre uma mesa o cadáver. No entanto correria voz de que o frade fora envenenado pelos apaniguados do duque de Osuna. Uma das primeiras biografias do Servo de Deus, escrita em 1650 aproximadamente, refere que Fr. João Maria contava como Fr. Lourenço, depois de ter comido à mesa um prato de marmelada, iguaria que muito apreciava, dissera que ia morrer logo e, de facto, poucos dias depois faleceu⁽³⁰⁾. Aliás a suspeita de envenenamento é confirmada por diversas testemunhas.

Devido a tal suspeita, o marquês de Villafranca mandou fazer a autópsia ao cadáver, e sobre este facto espraia-se no seu depoimento Ortiz de Salazar. No dia 23 de manhã D. Pedro de Toledo mandou-o

(30) Esta biografia conserva-se inédita no Arq. dos Capuchinhos de Veneza e o caso acima mencionado comunicou-no-lo o Padre Artur Maria de Carmignano, a quem, além desta informação, agradecemos penhoradamente muitas outras, de que nos servimos neste estudo e que provêm dos processos manuscritos sobre S. Lourenço de Brindes.

chamar para lhe pedir que, como capitão dum navio, fizesse vir para a autópsia um dos cirurgiões de bordo; estes, porém, sabendo que já tinham decorrido umas treze ou catorze horas depois da morte, negaram-se a fazê-lo, porque o muito calor, que então havia em Lisboa, decompunha depressa um cadáver. Ao ser aberto, este tinha necessariamente de deitar um cheiro insuportável. Ortiz de Salazar foi então pela cidade e encontrou um cirurgião, de cujo nome se esqueceu e que opôs a mesma dificuldade, por ser frequente naquela época do verão em Lisboa que um cadáver, depois de cinco ou seis horas, se começasse a corromper. O médico, porém, rendeu-se com 300 réis que o capitão lhe meteu nas mãos e, passando por uma farmácia para comprar remédios e drogas aromáticas, foram à casa do marquês de Villafranca.

O cirurgião quis que, antes de outra coisa, as paredes do salão em que estava o defunto se ensopassem com um vinagre muito forte, gastou-se nisso um barril de vinagre, para que o seu cheiro acre amortiguasse o fedor que se ia sentir ao abrir o cadáver. Aconteceu, porém, o contrário: notou-se um cheiro agradabilíssimo e extraordinário, que os circunstantes consideraram milagroso. O capitão Salazar foi logo chamar o marquês e os médicos do rei, que precisamente estavam numa sala afastada para não sentirem o mau cheiro.

Todos ficaram admirados e D. Pedro de Toledo, tendo-se verificado que não havia indício de veneno, mandou embalsamar o cadáver⁽³¹⁾. O cheiro perfumado que este exalava fez com que muita gente o viesse venerar e considerasse Fr. Lourenço como um Santo. Todos procuravam apropriar-se uma relíquia do defunto; Ortiz de Salazar e Quiroga de Sotomayor ficaram com cortes do hábito, o padre Núñez de Quiroga com uma manga, que ainda conservava em 1630, e outros com qualquer coisa que puderam apanhar⁽³²⁾.

As vísceras, que se extraíram para embalsamar o cadáver, foram enterradas numa igreja, decerto a de S. Paulo, e no dia seguinte, quando o defunto já tinha sido retirado de Lisboa sem que os seus companheiros o soubessem, lembraram-se estes de lhe guardar o coração como uma preciosa relíquia. Obtida a licença do marquês de Villafranca e do arcebispo D. Miguel de Castro, o padre Núñez de Quiroga mostrou aos dois desolados frades o lugar onde tinham enterrado as vísceras de

(31) *Brundusina etc.*, pág. 333, § 56-57.

(32) *Ibidem*, pág. 335, § 59, e L. M. Núñez, *art. cit.*, págs. 324 e 327.



*Quadro em tela,
pintado em Lisboa em 1619 e conservado no mosteiro de Villafranca del Bierzo*

Fr. Lourenço, acompanhou-os até lá e eles recolheram reverentemente o coração que levaram para Itália⁽³³⁾ e depois foi repartido em três relíquias que se deram à Província dos Capuchinhos de Veneza, ao mosteiro dos Capuchinhos de Brindes e ao duque Maximiliano da Baviera⁽³⁴⁾.

Pimentel y Osório afirmou que D. Pedro de Toledo encarregara um pintor de retratar o defunto num quadro que teve sempre até morrer,

⁽³³⁾ *Ibidem*, págs. 323-324, § 18, e L. M. Núñez, *art. cit.*, pág. 325. Diz-se que os dois companheiros do Santo foram primeiro a Villafranca venerar o corpo de Fr. Lourenço. O Padre Jerónimo de Casalnuovo, ao chegar a Itália, deteve-se em Génova, onde talvez morreu; Fr. João Maria foi à Baviera, em 1628-1630 estava em Milão, onde depôs como testemunha no processo para a Beatificação de S. Lourenço e morreu, vitimado pela peste, a 25 de Setembro de 1634 em Brunico, junto à actual fronteira entre a Itália e a Áustria.

⁽³⁴⁾ Davide de Portogruaro, *Il Cuore di San Lorenzo da Brindisi*, em *Le Venezie francescane*, II, 1933, págs. 105-112.

junto à cabeceira da cama; João Adão, criado do marquês, mandou pintar outro retrato, e assim o fizeram também outras pessoas ⁽³⁵⁾. Decerto um desses quadros é o que ainda hoje se conserva em Villafranca, no mosteiro de freiras que guarda os restos mortais de S. Lourenço de Brindes e que aqui se reproduz; desconhece-se o autor, mas pode-se afirmar que foi um artista que em 1619 vivia em Lisboa.

Logo após a morte do Barbadinho, os Franciscanos, decerto os do vizinho convento de S. Francisco da Cidade, que é hoje o edifício da Biblioteca Nacional, quiseram ficar com o cadáver. Assim o disseram Pimental y Osório e Fr. João Maria ⁽³⁶⁾. O padre Jaime Filipe Capitâneo afirmou que tanto os Franciscanos observantes como os conventuais tiveram essa pretensão ⁽³⁷⁾; em Lisboa não havia então Franciscanos conventuais, por os terem suprimido no século anterior, e assim o facto deve referir-se aos Observantes de S. Francisco da Cidade e aos Capuchos de Santo António no Campo de Santa Ana. Alguns autores dizem que também interveio na contenda a igreja paroquial de S. Paulo, por Fr. Lourenço ter falecido nessa freguesia e por não haver convento de Barbadinhos em Lisboa ⁽³⁸⁾. Nem admira que houvesse tais emulações, dada a multidão de gente que queria ver o defunto e arrancar-lhe relíquias.

D. Pedro de Toledo acabou com as discussões, enviando o cadáver para a sede do seu marquesado, Villafranca del Bierzo, em Espanha, para o mosteiro de Claristas que tinha fundado e onde era freira a sua filha Sórora Maria da Trindade. O pequeno cortejo fúnebre, sem aparato algum e com todo o segredo, saiu de Lisboa na noite do dia 23, chefiado pelo capitão João Ortiz, e atravessou grande parte de Portugal, até à fronteira de Trás-os-Montes, pois Villafranca del Bierzo está na direcção de Bragança.

S. Lourenço, portanto, percorreu o nosso País de lés a lés; vivo ainda, veio de Elvas até Lisboa, e depois de morto, levaram-no da capital até à raia de Trás-os-Montes, e se tivesse vivido e convivido mais entre nós, ainda que o êxito não seria decerto diferente, talvez por nós intercedesse perante Filipe III, pois sofríamos dos mesmos males que os Napolitanos.

⁽³⁵⁾ L. M. Núñez, *art. cit.*, pág. 323.

⁽³⁶⁾ *Ibidem*, pág. 322, e *Brundusina etc.*, pág. 323, § 18.

⁽³⁷⁾ Arq. Vaticano, Sagrada Congregação de Ritos, Processo 370 (*Processo apostólico de Milão*, de 1628 a 1630), pág. 850.

⁽³⁸⁾ F. de Ajofrin, *ob. cit.*, págs. 530-531.

Pouco depois da morte do Barbadinho, fizeram-se, para o elevar às honras dos altares, processos em Villafranca del Bierzo, na Espanha, e em várias cidades da Itália, onde muitas pessoas o tinham conhecido. Em Lisboa nada se fez, e foi pena, pois não faltaria quem pudesse testemunhar sobre os últimos dias da vida de Fr. Lourenço; o facto, porém, explica-se por não haver em Portugal convento de Barbadinhos, que eram naturalmente os que remexeriam o caso, e por quase todas as pessoas, que aqui lidaram com o santo, terem sido Espanhóis e Italianos do séquito de Filipe III.

No século XVIII, quando os Barbadinhos já tinham casas em Lisboa, lembram-nas na toponímia da cidade as actuais calçada e travessa dos Barbadinhos, a memória do então Venerável Lourenço de Brindes reavivou-se entre nós. D. António Caetano de Sousa, em 1744, enumerou-o com rasgados elogios entre os Santos de Portugal, se bem que sobre a estadia do Barbadinho em Lisboa nada mais dissesse do que o que tinha sido publicado no estrangeiro ⁽³⁹⁾.

Em 1752 o Capuchinho Mariano de Piano, que fora missionário no Rio de Janeiro de 1738 a 1744 ⁽⁴⁰⁾, editou em Lisboa uma breve biografia do venerável, dedicada à rainha mãe D. Mariana de Áustria, viúva de D. João V. Reproduzimos-lhe aqui a portada e este opúsculo, dumas quarenta páginas, é a primeira vida de S. Lourenço de Brindes, publicada fora da Itália e da França ⁽⁴¹⁾.

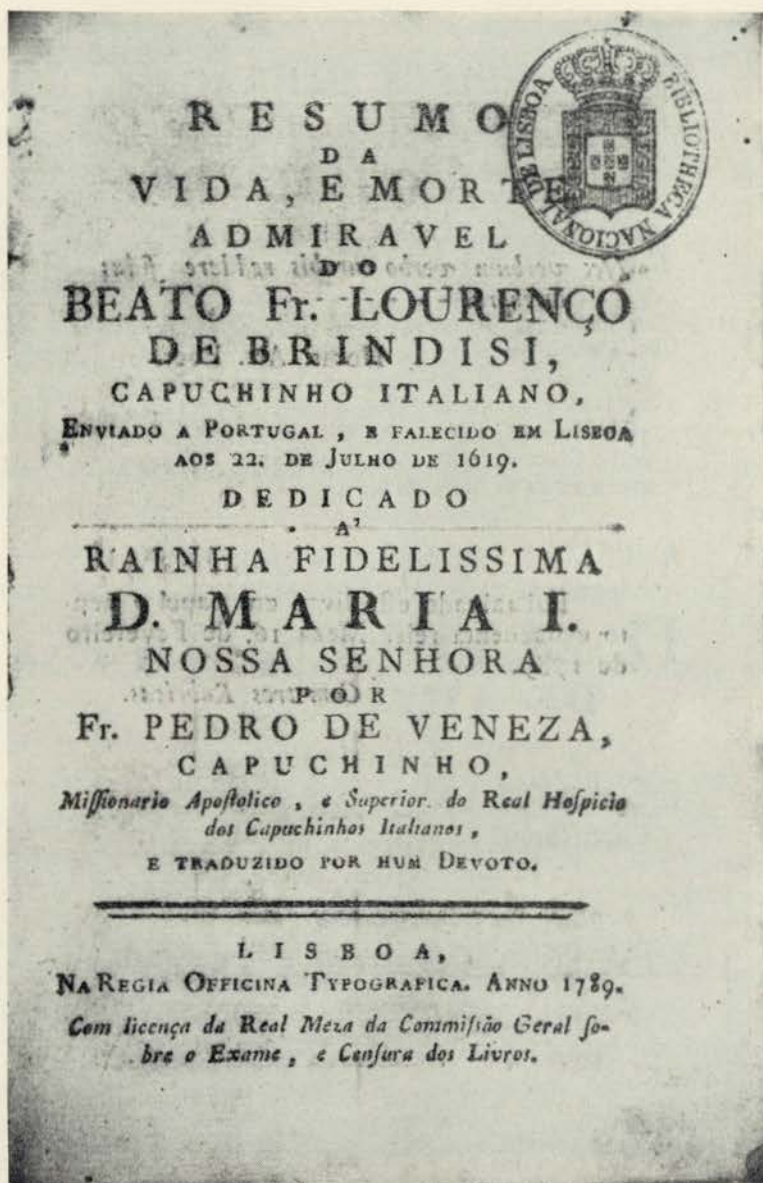
A 1 de Junho de 1783, na Basílica Vaticana, depois de investigações que demoraram tantos anos, o venerável Barbadinho foi solenemente beatificado. Logo a seguir editaram-se em várias nações biografias do novo beato e festejou-se com solenes tríduos nas igrejas dos principais conventos de Capuchinhos a glorificação realizada no Vaticano.

Em Lisboa, na igreja dos Barbadinhos italianos, junto a Santa Apolónia, as festas fizeram-se demorar, decerto por os frades serem poucos,

⁽³⁹⁾ Dom António Caetano de Sousa, *Agiologio lusitano*, iv, Lisboa, 1744, págs. 257-259 e 266-267. Este autor serviu-se principalmente de Marcellinus de Pise Matisconensis, *Annalium Ordinis Minorum Capuccinorum Tomus tertius*, Lião, 1678, págs. 298-350.

⁽⁴⁰⁾ *Compendiosa Noticia historica do Hospicio dos Religiosos Capuchinhos na Cidade do Rio de Janeiro*, em Francesco Zaverio, *I Cappuccini genovesi*, iv, *Tesori d'Archivio*, Génova, 1929, págs. 70-75. O Padre Mariano viveu alguns anos em Lisboa e retirou-se para a sua Província da Toscana, onde morreu em 1773 (Sisto da Pisa, *Storia dei Cappuccini toscani*, II, Florença, 1909, págs. 410-412).

⁽⁴¹⁾ Anteriores a esta biografia editada em Portugal, só conhecemos as de Angelo Maria de Rossi da Voltaggio, *Vita del Servo di Dio Padre Lorenzo da Brindisi*, Roma, 1710 e de Paul de Noyers, *Vie du Vénéralable Laurent de Brindes*, Avignon, 1737.



por não terem abundância de meios para aguentar as despesas e talvez por não estarem muito unidos; sentiam-se ainda os efeitos das alterações entre os Barbadinhos genoveses e os outros Barbadinhos italianos daquela casa durante a ditadura do marquês de Pombal e nos primeiros anos do reinado de D. Maria I.

3-6-28
COMPENDIOSA NARRAÇAM
DA VIDA

DO VENERAVEL PADRE
Fr. LOURENÇO
DE BRINDISE,

Capuchinho Italiano, natural do Reyno de Napo-
les, Professo na Provincia de Veneza, falecido
em Lisboa aos 22 de Julho do anno 1619, e de-
positado no Convento das Freiras Descalças de
Santa Clara em Villa Franca do Reyno de Leão,
que a Santa Se trata de beatificar.

OFFERECIDA

A FIDELISSIMA AUGUSTA
Magesdade da Rainha Mãe N. Senhora
D. MARIANNA
DE AUSTRIA,

PELO PADRE
Fr. MARIANO DE PIANO,
Capuchinho da Provincia de Toscana.

LISBOA,

Na Regia Officina SYLVIANA e de Accademia Real
M. DCC. LII.
Com todas as licenças necessárias.
BIBLIOTECA
COLLEGI
CAMPOLIDENSIS

Em Dezembro de 1787, com a nomeação de Fr. Pedro de Veneza para Superior, os Barbadinhos italianos de Lisboa tiveram mais paz. Fr. Pedro, que tinha sido missionário no Rio de Janeiro de 1778 a 1785, animou-se a organizar a festa em honra do mais illustre membro da sua Província de Veneza, que era o beato Lourenço de Brindes. Para a preparar, encarregou um devoto de traduzir ao português uma vida do

bem-aventurado que se editou em 1789 e de que se reproduz aqui a portada. O livro, de 149 páginas, está adornado com uma gravura do Beato, sem se indicar o autor que supomos ter sido português. Reproduzimo-la também aqui. Nesse mesmo ano o artista Paulo Aureliano Mengin, francês estabelecido em Lisboa, delineou a efígie do beato Lourenço numa gravura, que conhecemos apenas por a termos visto reimpressa num livro italiano; foi também decerto Fr. Pedro que a mandou fazer ⁽⁴²⁾.

A 26 de Fevereiro de 1789 o superior dos Barbadinhos escreveu ao bispo de Beja, D. Fr. Manuel do Cenáculo, a anunciar-lhe o envio dum exemplar da *Vida do Beato Lourenço* e a pedir-lhe uma esmola para as despesas do tríduo, que em sua honra se ia fazer; o prelado, como resposta, mandou-lhe oito moedas de oiro que Fr. Pedro agradeceu em carta de 6 de Abril, ao mesmo tempo que lhe enviava umas estampas do Beato, decerto as gravuras atrás indicadas, e lhe dizia que as festas teriam lugar no 26, 27 e 28 de Abril com sermão e pontifical todos esses dias, vindo no primeiro o nuncio, no segundo o principal João Pedro de Melo e no último o bispo confessor da rainha. Ajuntava que num desses dias ao menos a família real estaria presente ⁽⁴³⁾.

Nos dias indicados celebrou-se, de facto, na igreja dos Barbadinhos italianos o tríduo em honra do Beato Lourenço de Brindes. No primeiro dia oficiou de pontifical o nuncio D. Carlos Belissomi, arcebispo de Tiana, assistido pelos cônegos Lóios do vizinho convento de Xabregas, e pregou o graciano Fr. João de Deus, estando presentes, além de muitas outras pessoas da primeira nobreza, os infantes D. António e D. José, tios da rainha e filhos naturais de D. João V, chamados popularmente os «Meninos de Palhavã», porque desde crianças residiam no Palácio de Palhavã, junto a Lisboa. No dia 27 oficiou de pontifical o principal Carlos da Cunha, da igreja Patriarcal ⁽⁴⁴⁾, acolitado pelos cônegos e mestres de cerimónias da mesma igreja, e pregou o xabregano Fr. José da Alhandra, com a mesma assistência do dia anterior. No terceiro dia oficiou de ponti-

⁽⁴²⁾ Fr. Pedro saíra do Rio contra a vontade do Superior (*Compendiosa Noticia etc.*, págs. 91-98), mas estava decerto no direito de o fazer, pois tinha-se-lhe acabado o prazo de sete anos, o *septénio*, que a Propaganda concedia a todos os seus Missionários.

⁽⁴³⁾ Estas duas cartas de Fr. Pedro de Veneza estão em Évora, Bib. Pública, cód. CXXVII/2/13, fls. 63 e 65.

⁽⁴⁴⁾ A Igreja Patriarcal de Lisboa, por privilégio que D. João V lhe alcançou de Roma, tinha vários *Principais*, isto é, dignidades que possuíam prerrogativas de bispo.



Gravura feita por Mengin em Lisboa em 1783

(De H. a Felletto, *ob-cit.*, Tab. XVI)

fical, e fê-lo pela primeira vez na sua vida, o novo bispo do Algarve D. Francisco Gomes ⁽⁴⁵⁾, assistido pelos cônegos Lóios e pelos mestres de cerimónias da Sé; o orador foi o dominicano Fr. Francisco de S. Luís e a



Gravura feita em Lisboa em 1783

devoção terminou com um soleníssimo *Te Deum*, cantado pela orquestra dos melhores músicos e instrumentistas de Lisboa, que nos dias anteriores

⁽⁴⁵⁾ O confessor de Dona Maria I, era o Congregado D. José Maria de Melo, bispo resignatário do Algarve, que no tríduo do Beato Lourenço se fez substituir pelo seu sucessor na diocese algarvia.

tinham dirigido a parte coral e neste dia eram ajudados por alguns cantores da capela real da Ajuda. Neste último dia assistiu a rainha D. Maria I com toda a sua família e com toda a corte.

Durante este tríduo as comunidades religiosas de Lisboa dirigiram-se em procissão e *de cruz alçada* à igreja dos Barbadinhos italianos, onde cada uma delas cantou um *Te Deum* em honra do Beato que iam venerar. Muitíssima gente de toda a qualidade concorreu naqueles dias à referida igreja, que estava magnificamente adornada e festivamente iluminada durante a noite, o que também acontecia em outros conventos da capital.

Todos estes pormenores constam do segundo suplemento da *Gazeta de Lisboa*, de 2 de Maio de 1789. Neste mesmo ano publicou-se, com dedicatória ao núncio, o sermão do graciano Fr. João de Deus em honra do Beato Lourenço e editou-se também, ainda que o não pudemos encontrar, o do xabregano mr. José da Alhandra ⁽⁴⁶⁾.

D. Maria I encarregou Machado de Castro, então *preceptor da Casa de Escultura das Obras Públicas*, de fazer nas suas oficinas, com cedro do Brasil, uma imagem do Beato Lourenço para a igreja dos Barbadinhos italianos. O famoso artista levou pelo trabalho 62\$850 apenas; os materiais e a pintura da imagem, assim como o nicho para a colocar, custaram 113\$760, tudo o qual foi pago pela *rainha piedosa* em 9 de Maio de 1790 ⁽⁴⁷⁾. Esta bela escultura, de tamanho quase natural, se não é obra do próprio Machado de Castro, foi feita pelos seus discípulos e sob a sua direcção, pois tem as acentuadas características da sua escola; é uma notável contribuição da arte portuguesa em louvor de S. Lourenço de Brindes e ainda se conserva em lugar de honra na igreja dos Barbadinhos italianos, hoje paroquial de Santa Engrácia.

Decerto D. Maria I mandou-a fazer e pagou-a, por lho pedir Fr. Pedro de Veneza que até 1791 continuou a ser o superior dos Bar-

⁽⁴⁶⁾ O segundo suplemento da *Gazeta de Lisboa*, de 24 de Outubro de 1789, anuncia-o assim: *Os sermões do Beato Lourenço de Brindisi e outros mais em hum pequeno tomo de 8º, por hum Religioso de Xabregas. Vende-se por 160 reis.*

⁽⁴⁷⁾ As facturas e recibos deste trabalho estão no Arq. Histórico do Ministério das Finanças, *Casa Real*, 1.ª parte, caixa 43, n.º 11 e foram publicadas por Manuel Santos Estevens, *O Túmulo da Rainha D. Mariana Vitória em S. Francisco de Paula e algumas outras Obras de Machado de Castro, em Lisboa e seu Termo. Estudos e Documentos*, II, Lisboa, 1948, págs. 159-160.

badinhos italianos de Lisboa ⁽⁴⁸⁾. Tendo-se retirado estes religiosos do seu convento em 1835, por força do violento decreto que extinguiu em Portugal as ordens religiosas, não admira que a lembrança do santo também se tenha extinto entre nós. A sua canonização em Roma a 8 de Dezembro de 1881, o ofício e a missa que todos os anos a 22 de Julho lhe reza o clero do Patriarcado de Lisboa, os muitos estudos que no estrangeiro se tem dedicado à sua actividade e à sua doutrina, o afincio com que nestes últimos anos se trabalha para que a Santa Sé o declare doutor da Igreja Universal, nada disto fez mossa em Portugal.

S. Lourenço de Brindes continua a ser um desconhecido em Lisboa, a cujas muitas glórias em certo modo pertence, pois aqui morreu. Oxalá a sua memória se avive para que seja conhecida uma ilustre personagem, um santo de excelsas virtudes, que honrou a nossa linda cidade.

⁽⁴⁸⁾ *Almanach de Lisboa*, anos de 1788 e 1791, págs. 252 e 92 respectivamente. Em 1793 Fr. Pedro partiu de Veneza para a Ilha de Cefalónia a fim de reger o hospício dos Barbadinhos em Regostoli; em 1811 morreu em Veneza, enclaustrado, pouco depois da violenta supressão das ordens religiosas.

PALESTRA

*proferida na Visita de Estudo
dos «Amigos de Lisboa» ao Arquivo
Histórico Militar em 17 de Novembro
de 1956, pelo seu Director, o*

Coronel ALBERTO FARIA DE MORAIS

SENHORES :

Consideramos singular privilégio esta visita dos «Amigos de Lisboa», ao Arquivo Histórico Militar, o que nos manifesta o interesse que V. Ex.^{as} têm por este modesto estabelecimento. As causas que motivaram neste País quer a dispersão quer o desaparecimento de tantas espécies manuscritas e impressas, conhecem-nas V. Ex.^{as} tão bem ou melhor do que eu, e não perco tempo em enumerá-las ou discriminá-las. Note-se de passagem que nem tudo se deve atribuir a erros do passado, bastando dizer que, a despeito do aparecimento da técnica moderna, e dos seus agentes mais representativos, de uma maneira geral, entre nós o *documento* continua inacessível e improcurável. A culpa não é propriamente dos homens, devendo mais atribuir-se aos sistemas e ao alto grau de passividade e indiferença a que nos habituamos. No arquivo que V. Ex.^{as} estão visitando, o documento está ao alcance de todos, e a razão é simples; trata-se de um arquivo constituído exclusivamente por processos de natureza militar, portanto sem a complexidade e a extensão comuns a outros estabelecimentos.

Convirá agora dar uma ideia da origem do fundo documental, que o mesmo é que esboçar uma sucinta história deste arquivo.

A primeira providência de carácter militar tomada por D. João IV, dias depois da aclamação, foi o decreto de 11-12-1640, criando o Conselho de Guerra, «em que houvessem de examinar-se e resolver-se os negócios militares».

Noventa e seis anos depois, isto é, em 1736, appareceu uma Secretaria da Guerra e dos Negócios Estrangeiros, à qual continuou adstricto o Conselho de Guerra. Após o Terremoto, estes serviços transitaram dos Paços da Ribeira, para um palacete do Pátio das Vacas, em Belém. O Terremoto poupou no entanto os arquivos onde se avolumavam os processos respeitantes às nossas actividades militares, durante 115 anos.

O Conselho de Guerra continuou a funcionar como tribunal consultivo e executivo, mas após as lutas civis foi extinto, por decreto de 1-7-1834, passando o seu arquivo privativo para o arquivo geral do Ministério da Guerra, devendo ter-se em conta, que o decreto de 28-7-1736 pelo qual fora criada a Secretaria da Guerra e dos Estrangeiros, foi anulado em 1820, separando-se os dois serviços: Guerra e Estrangeiros. Os respectivos arquivos foram mantidos no Pátio das Vacas, se bem que separados. Como quer que em 1820 a Secretaria da Guerra fosse transferida de Belém para o Rossio, este novo ministério passou a ter dois arquivos: o novo, no Rossio; o velho, em Belém. Em 1834 o arquivo novo foi juntar-se ao arquivo velho de Belém, o que tudo se fez no meio da maior confusão e desordem, e em 1845 com não menor confusão e desordem, toda a documentação existente no Pátio das Vacas, transitou para um pavimento térreo do Palácio de Ajuda, e daqui, em 1862, para o edificio do Jardim Botânico.

O processo adoptado para esta mudança consistiu em atirar os molhos de documentos das janelas do palacete do Pátio das Vacas, para as carroças estacionadas na via pública, e devido à acção do vento, espalhou-se pelas imediações tão avultada quantidade de papéis, que o comércio local os utilizou para embrulhos, durante alguns meses! Não vale a pena comentar o facto...

Em 1865, devido às instâncias do guarda-mor da Torre do Tombo, António de Oliveira Marrecas, celebrou-se um acordo entre

os Ministérios da Guerra e do Reino, em virtude do qual, em Agosto do ano seguinte foi remetido para a Torre do Tombo farta documentação que pertencera ao Conselho de Guerra. A iniciativa desta transferência cabe no entanto ao General Cláudio de Chaby, quando exprimiu o seu protesto contra «a barbara estulticia manifestada em algumas estações», afirmando em seguida que, «quanto ao Arquivo do Conselho de Guerra, nas deploráveis circunstâncias em que se encontra...» o que melhor nos parece é fazer passar o... resto, para o Real Arquivo da Torre do Tombo. O *resto* referido por Chaby, dizia respeito, segundo as suas próprias expressões, «a essa pugna tenaz e por tantos anos prolongada, em que triunfando pela Pátria, desde a derrota de Mollinghen, no Montijo, até à de Caracena, em Montes Claros, nobremente nos legaram nossos avós, para que as saibamos presar e manter, a liberdade e a independência...»

Cláudio Chaby catalogou e comentou durante 30 anos a maior parte do Arquivo do Conselho de Guerra, do qual entraram na Torre do Tombo 113.120 documentos, 260 livros e numerosos cadernos de registos. A obra de Chaby está sendo continuada pelo A. H. M. por intermédio do Sr. Cel. Madureira dos Santos, aqui presente, com proficiência e tenacidade, dignas de todo o elogio. A despeito de ter sido estudada, inventariada, catalogada e salva, devido ao labor e activa vigilância de alguns Srs. Officiais do Exército, todo o Arquivo do Conselho de Guerra continua indevidamente na Torre do Tombo, contra todos os princípios aceites em arquivologia; contra o bom senso; e contra os mais elementares princípios de descentralização, mercê dos quais se procura simplificar o acesso e a consulta aos documentos, separando-os e arquivando-os por forma a estabelecer compartimentos de investigação diferenciados. Em Julho de 1877, o arquivo foi de novo transferido, desta vez para o edifício da antiga fábrica de refinação de salitre, «junto ao caneiro de humidos e pestíferas emanações». Ao iniciarem-se as comunicações ferroviárias entre Lisboa e Torres Vedras, o edifício foi vendido à companhia concessionária, concedendo o Governo 10 dias para se proceder a nova mudança do arquivo, o

qual desta vez deu entrada no antigo palácio dos Condes de Resende, em Dezembro de 1884. Estes factos provocaram justos comentários iniciando-se então algumas diligências junto do Governo para a formação de um verdadeiro Arquivo Histórico Militar, em edifício próprio. Coube à Comissão Executiva do Centenário da Guerra Peninsular dar corpo e forma a esta legítima aspiração, e efectivamente, o Presidente da Comissão, o General Rodrigues da Costa, em 11-1-1901 oficiava ao Ministério da Guerra, solicitando a criação de um Arquivo Histórico Militar, «cuja documentação opulenta e valiosa, entre a qual figurava a do extinto Conselho de Guerra, andava dispersa. A Ordem do Exército n.º 11, 2.ª série, de 4-5-1911, dava satisfação ao pedido, e nomeava uma Comissão, à qual competia investigar nos arquivos civis, quer do Estado, quer dos municípios, e com prévia autorização superior, da existência de documentos de carácter militar, de qualquer ordem, a fim de procurar promover-se a sua remoção para o novo Arquivo. Em 25-2-1914 «ouvido o Conselho de Ministros foi aprovado o Regulamento e organização do A. H. M., estatutando-se no art. 2.º, que o referido arquivo, seria constituído «por todos os documentos de natureza histórico-militar existentes quer nas dependências do Ministério da Guerra, quer nos arquivos e bibliotecas dependentes de qualquer outro Ministério». No fecho do decreto lê-se: «O Presidente do Ministério e o Ministro das Finanças e os Ministros das demais repartições assim o tenham entendido e façam executar...»

Todos os Ministros rubricaram a portaria, porém o Arquivo do Conselho de Guerra continua a sofrer a pena de reclusão na Torre do Tombo, para não falar já em outros arquivos dependentes do Estado.

Como a despeito da letra da portaria, nenhum Ministério, além do da Guerra, providenciasse no sentido de promover a entrada aqui, de documentos de carácter histórico-militar, V. Ex.^{as}, no decorrer da visita a este Arquivo, terão ocasião de apreciar o fundo documental existente, que nada tem de sensacional, e que apresenta lacunas

soluções de continuidade que poderiam e deviam ser atenuadas, primeiro pela concentração e depois pela distribuição pelas 3 grandes divisões do Arquivo, da documentação militar dispersa, por todos os recantos do País. Existem aqui processos de oficiais-generais, com um só documento, e sobre a vida e feitos de um marechal, há no processo que lhe diz respeito — salvo seja — apenas a folha de matrícula dum cavalo!... A par disto, contudo, conservam-se ainda elementos preciosos, e espécies raras de subido valor.

Como as instalações do Palácio Resende à feira da Ladra, fossem deficientes, direi mesmo — miseráveis —, em 1951 de novo o Arquivo Histórico Militar foi transferido desta vez, para este edifício.

Os Srs. Officiais adjuntos encarregar-se-ão agora de explicar e exemplificar o funcionamento interno do arquivo, para o que ficam gostosamente ao inteiro dispor de V. Ex.^{as}, a quem tanto a cultura portuguesa deve, e em especial, a cidade de Lisboa.

Não quero dar por findas estas breves considerações, sem vos comunicar uma nota, talvez interessante, da minha rápida visita a alguns arquivos particulares do norte do País.

Refiro-me à minha passagem pela «Casa do Covo» em Oliveira de Azeméis, onde fui atendido, em fins de Setembro, com fidalga amabilidade.

Ali existiu em 1528 uma fábrica de vidros de que foi concessionário Fernando de Magalhães e Meneses. Anos volvidos, em 1737, a proprietária da Casa do Covo, D. Maria Madalena de Magalhães e Meneses casou com D. Sebastião de Castro e Lemos, Morgado dos Castros, de Vila Nova de Cerveira, e desta vila transitou para a Casa do Covo, a biblioteca que pertencia ao morgado. A biblioteca foi depois ampliada, no século XVIII, por Inácio de Castro e Lemos de Meneses, e ainda por Fernando de Castro e Lemos. Em 1846, a biblioteca era enriquecida com obras militares que haviam pertencido ao General Manuel Carneiro Rangel Pamplona, por ter uma das suas filhas contraído matrimónio com D. Sebastião de Castro e Lemos de Magalhães e Meneses, então senhor da Casa do Covo. Nos últimos

100 anos, parece-me ter sido eu o primeiro a ter acesso a esta biblioteca, onde tive oportunidade de folhear, ler e apreciar um álbum, que deve ter sido desenhado em 1751, a julgar por uma passagem com que deparámos no texto explicativo. Este álbum é constituído por algumas dezenas de aguarelas, bem conservadas, predominando as cores azul, amarelo, sépia, verde e rosa. Faltam as guardas do álbum, desconhecendo-se o autor do trabalho que nos apresenta as diferentes plantas dos bairros de Lisboa pré-pombalina.

Ali se encontram as plantas dos seguintes bairros: Castelo, Rossio, Alfama, Remolares, Rua Nova, Andaluz, Santa Catarina, Mouraria, Mocambo, Ribeira, Limoeiro e Bairro Alto. As freguesias, ruas e edifícios mais notáveis, isto é, igrejas, conventos e casas nobres, estão indicadas nos mapas, tudo acrescido de legendas muito elucidativas. A meu ver o álbum tem valor para o estudo da cidade de Lisboa, anterior ao Terremoto. O estado de conservação do álbum, pode considerar-se perfeito.

Eis tudo quanto se me oferece informar V. Ex.^{as} a quem em meu nome pessoal, e no de todos quantos comigo trabalham sem distinção de hierarquias e funções, apresento cumprimentos de boas-vindas a esta casa.

Novembro de 1956.



Documentos Inéditos

Colhidos nos apontamentos de

Um Cronista Franciscano

por FERREIRA DE ANDRADE

(Continuação)

Dessas simples *Curiosidades literárias Para o uso do Ex-Geral da Terceira Ordem — Frei Vicente Salgado* — como ele próprio intitulou uma das colecções de documentos e cópias — consta este curiosíssimo soneto que um dos religiosos da sua ou de outra Ordem escrevera e onde transparece toda a simplicidade da vida calma e tranquila de então:

*Há vida como esta? levantar-me
quando o sol pelos montes vai rayando,
Descer à fonte onde estão cantando
mil passarinhos e ali lavar-me.*

*Hir ao curral beber até fartar-me
O doce leyte, e depois voltando
À matta, quando vai passando
O cauto coelho, matá-lo sem matar-me,*

*Ler hum bocado ao cheiro da panella,
Comer o que Deos dá, dormir a sesta,
jogar com Sylvio, rir com filonella (sic)*

*Hir à vinha comer, encher a cesta,
Não ter paixão, por este ou por aquella,
Servindo a Deos; há vida como esta?*

Neste mesmo volume escreveu Frei Vicente Salgado as seguintes *Notícias de Lisboa de 1781*:

Lx. 9 de 9bro de 1781

Hoje vem de Quelluz a corte p.^a Ajuda. Já se tornou a abrir a Anunciatura, mas som.^{te} p.^a as Dispensas de Consiencia, e sobre o mais iremos vendo. Ontem partio a Fragata com Dom Diogo Forjaz, p.^a o Governo da Madeira, ajuntamente huma charrua da Coroa, com o Dez.^{or} França p.^a chanceller do Ryo, com o Irmão de Francisco da Cunha, p.^a Governador de S. Paulo. Chegou hum navio de Cabo Verde, e nelle o Governador; o que julgo boa política por amor do ataque que ali houve entre o Comandante Johstone e Mr. de Sufrain.

Entrou o comboy de Bacalháo porem são só 12 navios p.^a aqui e seis p.^a o Porto e já aqui não avia nem hum arratel de venda.

Na Costa da terra nova tinhão os Inglezes aprezádo huma fragata de Guerra Franceza de 32 Pessas chamada a Mágua.

Seguidamente, e já sem interesse de transcrição por não conterem mais «novas» de Lisboa, relata o cronista as notícias que à cidade haviam chegado sobre as batalhas que, no alto mar, na ilha de S. Cristóvão e na de S. Domingos, travavam, então, as frotas inglesas e francesas.

*

Mais algumas notícias ⁽³⁸⁾ colhidas ainda dos apontamentos de Frei Vicente Salgado:

NOTICIA

O Duque de Aveiro D. Raymundo foi degolado em estátua no Rossio da Corte de Lisboa, em terça-feira 16 de Outubro de 1663 havendo três para quatro anos que se tinha ausentado para França, e dahy para Castella Reyno inimigo contra Portugal feito General da Armada. ⁽³⁹⁾

⁽³⁸⁾ *Anedotas Juridicas*, etc.

⁽³⁹⁾ António de Sousa Macedo, na sua *Rellação dos Successos de Portugal*, etc., publicada pelo Dr. Eduardo Brazão em 1940, descreve-nos, com mais pormenores, esta execução: *Terça f.^a etc. se fez execução na Estatua do Duque de Aveyro D. Raymundo de Lancastre. Para ella se havia levantado hum Theato no Rocio de Lxa. cuberto todo de baetas negras e sobre tres degraos q̄ d'elle subião se tinba posto huã cadeira da mesma libré. Fazia um passadisso p.^a as cazas q̄ ficauão de fronte de Gaspar de Faria Severim e tinhão sido as mesmas de q̄ sabirão a degolar o Duque de Caminha seu Pay o Marques de Vila Real e os outros comdenados q̄ padecerão no anno de 641 por crime de traição. As onze para o meyo dia sabio a estatua do Duque sentado na cadeira, lida a sentença lbe cortou o verdugo a cabeça.*

ROUBO DE ODIVELAS

O Roubo de SS^{mo} Sacramento da Freg.^a de Odivelas foi feito na noite de 11 de Maio de 1671 ⁽⁴⁰⁾. O ladrão foi descoberto na Cerca das Religiosas na noite de 16 de Outubro do m^o anno e executou-se a S.^a de Ihe serem cortadas as mãos em vida, e queimadas á sua vista; e morrendo de garrote fosse queimado seo corpo o que se executou em 16 de Novembro de 1671.

*

Da mesma colectânea de *Anedotas Juridicas, Civis e Politicas* consta ainda a *Sentença que se deo contra Pascoal Pais de Bulbão e seos filhos pelo furto na Hermida de Nossa Senhora dos Remédios em Alfama e morte da Ermitoa Ano de 1666*.

Até hoje, sòmente o Padre Manuel Portal ⁽⁴¹⁾ nos havia legado, segundo cremos, notícia deste crime na Ermida de Nossa Senhora dos Remédios. Pastor de Macedo, numa das suas anotações ao 1.^o volume de *Ribeira de Lisboa* ⁽⁴²⁾, de Mestre Júlio de Castilho, transcreve o relato do autor da *História da Ruína*, por considerar que este caso «tem sido pouco divulgado». Por nossa vez e dado que a sentença copiada por Frei Vicente Salgado nos relata os factos tal como se passaram, com pormenores mais circunstanciados, aqui a damos ao conhecimento dos leitores:

Acordão a Relação. Vistos estes autos q̄ com parecer do seu Regedor se fizerão sumarios aos Reus Pascoal Pais, Jacinto Paĩs e Maria Pais seos filhos ... devaça junta e perguntas feitas.

Mostra-se que em noite de Domingo p.^a Segunda feira passada foi roubada a Ermida de Nossa Senhora dos Remédios desta cidade levando-se della duas alampadas de prata que pendiam nas ilhargas de frente do altar principal e que juntamente fora morta a Ermitoa da dita igreja com as feridas e facadas que no Auto de Devaça se declara.

⁽⁴⁰⁾ Na *História Genealógica*, etc. (tomo VII, pág. 373), escreve Caetano de Sousa que o crime se perpetrou na noite de 10 para 11. J. A. Graça Barreto (*Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*), escreve: *Cinco meses havia que tinha succedido o furto de Odivellas, quando em a noite de 18 deste Outubro, por estranho motivo e peregrino modo prenderão dentro da area do mesmo Convento das Religiosas daquele lugar a hum mancebo chamado António Ferreira, natural de huma aldeia que se diz Lavarrabos, da Comarca de Coimbra*. O mesmo autor, depois de descrever a confissão e prisão do réu, publica a sentença (pág. 183) que, informa, se executou a 23 de Novembro e não a 16, como escreve Frei Vicente Salgado.

⁽⁴¹⁾ *História da Ruína*, fl. 36.

⁽⁴²⁾ Págs. 292 e 293.

Prova-se entrarem os reus no principio da noite em sua casa levando quantidade de prata de alampadas q̄ se prova ser das que na dita Ermida se furtarão o que se prova assim pelas confissões de alguns dos Reus, como dos ditos das outras testemunhas na devaça e do m. modo e melhor se prova que os reus repartiram a dita prata naquela noite em tres envoltorios de pano e na manhã seguinte de terça-feira passada o R. os levou fora de sua casa.

Prova-se ser preso o Reu Pascoal Pais, trazendo pendurado no cinto um lenço que era o envoltório que ele havia levado, dentro do qual vinham os parafusos e remates das lampadas que na dita Ermida e casa de Nossa Senhora dos Remédios se haviam furtado. Do que deixa ver q̄ em a noite do dito domingo e principio dela entraram os dois Reus, Pai e filho na dita Igreja e que havendo de sair pela parte de sima tirando a Ermitoa do altar uma vela para os alumiar e indo ella à porta da Sacristia o Reu a matou dando-lhe por detrás as feridas que do auto se vê, cometendo este homicidio e sacrilegio para o fim de cometer o roubo das alampadas com que se alumia a Igr.^a da Snr. May de Deos.

E posto que o dito homicidio e principio de roubo se não prove completamente com toda a legalidade, todavia a prova q̄ se dá de q̄ os Reus entrarão com a prata das ditas alampadas em sua casa, junto com a meia prova do homicidio a faz perfeita de q̄ o dito Pascoal Pais fez a dita morte, e roubo das ditas alampadas, e q̄ em sua comp.^a se achou o R. Jacinto Pais.

O q̄ tudo visto, e como a devaça e pergunta não deixão lugar a autoria q̄ p.^a sua defesa o Reo Pascoal Pais quiz tomar; nem p.^a elle nomeou testemunhas algumas conforme a resposta q̄ nas perguntas deo; nem tambem a Devaça e perguntas dão lugar a se poder provar a quartada q̄ do m.^o modo o Reo quiz introduzir em suas respostas pois no tempo em q̄ se quer quartar em casa, esta provado q̄ ja tinha cometido os ditos delictos; e assim elles Reos sem defesa, e sendo cada hum delles os q̄ cometerão com as atrocidades, e espantosas circumstancias, q̄ tanto os agravão. Portanto mandão que o d.^o Reo Pascoal Pais com baraço e pregão pelas ruas desta cid.^e seja arrastado e levado ao Terreiro do Chafariz de dentro, lugar visinho da dita Ermida, aonde morrerá morte natural em huma forca q̄ ahí estará levantada e depois será feito em quartos, q̄ se pendurarão nas portas da cidade, e nas mais partes costumadas; e sua cabeça ficará no lugar em q̄ se manda levantar a forca, posta em hum Posto alto até q̄ o tempo a consuma. E tendo-se respeito a menor id. do R. Jacinto Pais, e se não pode presumir do dito, que elle fosse com seu Pay sabendo o que elle hia obrar, nê ainda de boa razão se pode entender q̄ o D.^o seu Pay fiaria delle de antemão o segredo de tão execrando delicto, e tambem respeitando-se ao q̄ os D.D. dizem sobre o q̄ obriga cõ q̄ desculpa o resp.^o e obediencia dos Pays nos casos em q̄ os filhos não devem; e fazendo muitas destas considerações tambem a respeito da Ré M. Pais, e a de que contra ella se não prova q̄ se achase na morte, e principio do furto; mas só que foi e entrou com elle em sua casa e posto q̄ se ella estava... (?) em hum canto esperando; com tudo não consta q̄ soubese o q̄ o Reo seu Pay hia fazer, e obrar; e se pode entender q̄ a mandaria esperar no dito canto sem lhe descobrir o p.^a q̄ a mandava esperar.

Portanto condenão somente aos ditos Jacinto Pais e Maria Pais a q̄ com baraço, e pregão pelas ruas publicas sejam açoutados, e depois marcados da p.^a marca,

vão degradados para toda a vida para Angola; e aos ditos Reos todos tres, condemnão em mil cruzados, p^a a Hermida da dita Senhora dos Remédios e em cem mil r^s p^a os Herdeiros da d^a Eremitoa defunta, e em outros cem mil r^s p^a as despesas da relação; as quaes condemnações todas se cobrarão prim^o dos bens do dito Pascoal Pais, e pagarão os autos. Lisboa 16 de Agosto de 1666 —

*Henriquez — Dr. Carreira — Leitão — Pereira de Sousa
— Ribeiro de Macedo.*

Sendo dado esta sentença se embargou por parte do R. Pascoal Pais, e sahio sem embargo dos embargos, e em cumprimento deste despacho se fez a execução no Reo Pascoal Pais de Bulhão em 28 de Agosto do dito anno. Os filhos embararão a sentença pelo que lhes tocava e forão alliviados da pena vil dos açoutes, e marca em 19 de Julho de 1667.

Como Pascoal Pais de Bulhão era homem m^{to} conhecido e mui escandaloso o sacrilegio foi infinito o concurso da gente q̄ acudio a ver a execução.

Era Pascoal Pais homem de Nação, e m^{to} máo homem; podia ter de idade sessenta e sinco annos; sempre viveo de embustes, e latrocinios; era homem de grande corpo, rosto negro, seco e feio; sempre usou meter em Lisboa fazendas furtadas aos direitos. A noite em q̄ cometeo o delicto foi a de 22 de Agosto de 1666 indo á dita Ermida com dois filhos, de q̄ era visinho, por se fazer dilatada e fingida oração. A ermitoa velha por nome Catharina Jorge natural de Alfama, a quem por mulher viuva de hum homem do mar a Irmandade a havia ocupado ali havis seis annos p^a sete: vendo q̄ a oração de Pascoal Pais era demasiada lhe disse que erão horas de fexar as portas; e elle lhe respondeo, que estava satisfazendo a huma devoção, q̄ fecha-se a porta, q̄ elle sahiria pela de Traz, q̄ he é q̄ vai à rua por detraz da Capela Mor; assim o fez a pobre velha e depois q̄ elle acabou com a sua fingida oração ella o foi alumando até o lugar donde a matou q̄ foi junto dos degraos do altar maior dando-lhe sete feridas de q̄ logo morreo; então fez o furto, e o levou p^a sua casa, q̄ era na Freg^a e rua direita de S. Vicente, e no caminho em ordem ater testemunhas p^a seu livramento, e quartada se foi a huma tenda a comprar huns melões, e ahí se deteve hum pouco e logo se poz à janella em fresco, e ciroulas, chamando pelos visinhos e conversando com elles, e na madrugada do dia seguinte se foi com o furto ao bairro alto a casa de Manuel Perez de Lemos, homem de negocio, e seu amigo, e lho deo aguardar sem dizer o q̄ era, em hum envoltorio. No mesmo dia El-Rey D. Affonso 6.^o mandou po Edital com promessa de dois mil cruzados a quem descobrisse os cumplices dos casos. O Perez vendo a deligencia que se fazião, entrou em duvidas sobre o involtorio e examinando-o achou as pessas da alampada, e tremendo na sua caza a ruina q̄ lhe poderi acontecer deo com sumo segredo parte à justiça, a qual escondidamente entrou na casa do dito Perez na manhã de terça-feira a esperar a chegada de Pascoal Pais q̄ já tinha recado do Perez p^a q̄ fosse lá, não tardou em chegar e achando ao Perez mui enfadado de haver-lhe levado a casa aquele envoltorio, que entendia serem peças de prata. Pascoal Pais lho estranhou muito o ter má presunção delle, e metendo em sy algumas das ditas peças se foi pella escada abaixo; donde a justiça lhe sahio ao encontro havendo de antes ouvido todos os discursos, q̄ Pajs,

e Perez havião tido, e o prenderão e achando-lhe as ditas peças; e as demais em sua casa donde logo forão mandados Ministros, e nella forão prezos os seus dois filhos.

Acharão-se em casa muitas gazuas, limas, e chaves mestras e outras ferramentas proprias a semelhantes latrocinios.

Muita gente se admirou de Pascoal Pais, tanto que sahio o Edital del Rey D. Affonso, não dar na venida de hir denunciar a Manoel Perez de Lemos, q̄ já tinha então o furto em sua casa, mas não quiz D^os que padecesse o innocente, e quiz castigar o deliquente sacrilego com a penna, que elle assi mesmo arbitrou, porquanto achando-se por disfarce na manhã seguinte o seu delicto na mesma Hermida e casa da Hermitoa acompanhando a justiça no exame que se fez nas feridas da defunta, e apontando-as elle com a sua mão dizendo p^a os Ministros: Esta foi de sovellão estoutra parece q̄ foi de faca. E exagerando a fealdade do caso e o quanto era digno de hum castigo exemplar; e persuadindo q̄ quem fizera aquelle furto havia tambem feito havia tres annos o da Igreja e Parroquia de Santo Estevão de Alfama, no que dizia verdade, como se comprovou depois; concluiu q̄ merecia aquelle ladrão se lhe fizesse sumario de tres dias, e depois de arrastado fosse enforcado e esquartejado e sua cabeça posta em pau p^a exemplo dos maus, e cautella dos bons.

Frei Vicente Salgado termina assim esta pormenorizada descrição:

O que justamente foi a pena que se lhe deo por seo delicto.

*

Do mesmo manuscrito, *Anedotas*, etc., consta também a seguinte

NOTICIA

Da Conjuração contra o Principe Dom Pedro Rey Segundo deste Nome

Aos dez de Maio de 1674 governando este Reyno o Principe Dom Pedro, forão degolados por traidores na Praça do Rocio os Fidalgos seguintes: Fernão Mascarenhas⁽⁴³⁾, cabeça des conjuração — Dom Gaspar Maldonado⁽⁴⁴⁾ — seu Filho

(43) Cristóvão Alão de Morais escreveu em 1667 na sua *Pedatura Lusitana* (tomo III, vol. I, pág. 128): *Fernão Mascarenhas, f^o 3 deste (D. Pedro Mascarenhas) succedeo na casa de seu Pae E tem a Comenda de Alcacer do Sal na ordem de Sant'Iago q^o foi seu Avo q^o lhe restituiu el-Rei D. J^o o 4^o foi governador de Setubal e havia sido M^o de Campo no Alentejo E se achou no Ameixial e restauração de Évora. Em nota acrescenta: Este Fernão Moz foi culpado na conjuração q^o se fez contra o Principe D. P^o pello q^o morreo degolado no Rocio de Lx. em 10 de Mayo de 674. Nas Famílias de Portugal (vol. XIV, II, pág. 215) Mansos de Lima cita erradamente o dia 11 como aquele em que foi sentenciado.*

(44) Igualmente se refere Alão de Morais (tomo IV, vol. II, pág. 180), em nota, à sentença sofrida por D. Gaspar Maldonado de Espoleto que diz ter sido *fidalgão de grande erudição e mui visto na história das Espanhas e insigne genealógico.*

Dom João Maldonado — João de Mello de Abreu, de alcinha o calça larga — e Francisco Furtado Mendonça ⁽⁴⁵⁾: este foi em estatua por se ter ausentado ao tempo das prisões: e enforcados ao mesmo tempo pela mesma causa, a saber: Diogo de Lemos de Faria, letrado — Dom André Parasos Cachupim Castelhana — e José Pessanha Pereira Capitão de Cavallos; em huma forca à entrada da rua dos Escudeiros: o letrado em outra defronte de Nossa Senhora do Amparo e o Castelhana em outra ao chafariz da dita Praça do Rocio; e este foi a arrastar. Os degolados forão em hum theatro alto e grande, e sahirão das janelas e cazas dos degolados por hum corredor que se fez de madeira para o dito cadafalso, para os quaes tinhão sido levados o dia antes da execução; as quaes cazas erão no Rocio; no dito cadafalso estavão sinco Cadeiras em que se apresentarão; e dois Reys de Armas lhe deitarão o pregão; ajuntado-se para este efeito a Cavalaria e a Infantaria que cercavão o Theatro e Forcas. ⁽⁴⁶⁾

⁽⁴⁵⁾ Francisco de Mendonça — escreve Mansos de Lima, *ob. cit.*, vol. xv, pág. 635 — era filho de Pedro de Mendonça Furtado, e foi um dos fidalgos que se achou na aclamação de D. João IV, foi capitão de Mazagão e fugiu para Castela por se dizer intentava restituir o Governo a el-Rey D. Afonso VI, por cuja causa lhe foram confiscados seus bens.

⁽⁴⁶⁾ A única obra que conhecemos na qual há uma referência a esta conjuração é o trabalho de J. A. Graça Barreto, *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*. Conta-nos este minucioso anotador que nesse dia 10 amanheceu o terreno do Rocio com hum cadafalso encostado às Casas dos Lencastres, tres forcas altas (mais altas as duas e defronte cada huma hum poste mais alto que as forcas) e dous terços de infantaria, com huma companhia de cavallos; fez-se justiça nos degolados; e ao fazer-se nos arrastados, succedeo puxar hum Beneficiado por huma faca para outro homem e foi tal a confusão que se levantou de tão leve principio, que sem tino fugia a monte, atropelando-se huma á outra, correndo palavra que era motim, mas brevemente se socegou o alvoroço e esvaeceo a esperança que com a revolução teve o Bacharel Diogo de Lemos — com obstinado coração se persuadiu que Castela o livrava e contumax morreu, sem querer confessar a culpa. Foi este Bacharel toda a sua vida todo castelhana no animo sem se saber a causa, e lhe acharão hum livro feito por sua mão em favor do direito de Castela contra a Coroa de Portugal e contra a Serenissima Casa de Bragança, com muita paixão e poucas letras. Perdoe-lhe Deus. Todos os mais justiciados morrerão com mostras de Christãos e de arrependidos.

ACTIVIDADE CULTURAL

no Trimestre Passado

EM 25 de Outubro a Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa convocou os Corpos Directivos do Grupo para receberem a Medalha de Ouro da cidade que a mesma Ex.^{ma} Câmara lhe tinha conferido a quando da passagem do nosso XX aniversário.

Os nossos consócios os Ex.^{mos} Srs. Tenente-Coronel A. Salvação Barreto e Luís Pastor de Macedo, ilustres Presidente e Vice-Presidente da referida Câmara, acompanhados de quase todos os Srs. Vereadores entregaram no Salão Nobre da Câmara Municipal de Lisboa a citada Medalha ao Grupo, que estava representado pelos Presidente da Assembleia Geral, Prof. Freitas Simões, Vice-Presidente da Junta Directiva Gustavo de Matos Sequeira, Secretário-Geral Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves acompanhados de quase todos os membros dos Corpos Gerentes. A Medalha foi entregue pelo Sr. Presidente da Câmara ao Sr. Vice-Presidente da Junta Directiva que por sua vez a entregou ao Secretário-Geral.

No mês de Novembro começaram as nossas actividades culturais com a visita de estudo ao Arquivo Histórico Militar, da digna direcção do Sr. Coronel Faria de Moraes, que se dignou acompanhar os visitantes, em número aproximado de trezentos e que lhes fez uma palestra introdutória que neste número se publica. Aproveitando esse ensejo, foi proporcionado aos visitantes, uma pequena exposição biblioiconográfica propositadamente organizada para a visita e que incluía numerosas e interessantes espécies desse rico repositório de documentos.

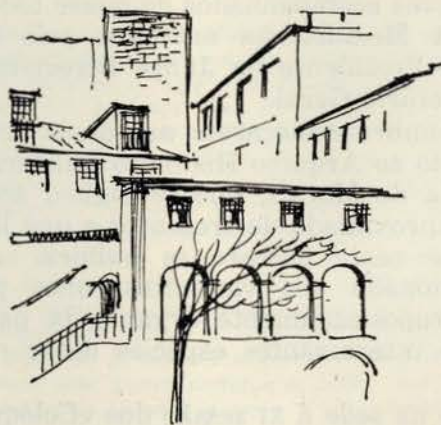
A 22 realizou-se na sede a XI sessão dos «Colóquios olisiponenses» em que usaram da palavra os sócios Dr. Amadeu Ferreira de Almeida que falou sobre *Nu artístico na estatuária de Lisboa* e Hugo Raposo que versou o tema *Retoques para o que falece à cidade de Lisboa*.

Finalmente em 16 de Dezembro realizou-se a visita de estudo ao Museu de Arte Popular da direcção do Sr. Dr. Francisco Lage, que por motivo de doença delegou a direcção da visita no Conservador do Museu Sr. Eng. Vaz Viana. Esta visita reuniu mais de duzentos sócios que muito apreciaram esta curiosa instituição, iniciativa do nosso falecido sócio fundador Sr. António Ferro.

A exposição «Certamen dos trajos e atavios de outrora» (esboço de uma exposição de peças, figurinos e aviamentos) foi adiada para 5 de Janeiro corrente, em virtude de ser necessária a sala e decorrer a época de férias.

Neste interregno o Grupo patrocinou a publicação da obra *Lisboa e seus arredores* da direcção do nosso consócio sr. F. Marjay e encerrou a recepção da subscrição da «Campanha dos 20» que nesta data totaliza Esc. 2.330\$00 havendo a acrescentar com a subscrição de 20\$00 os sócios n.ºs 575, 766, 972, 1343, 2895 e 2964. Além da estante já adquirida e mencionada no OLISIPO n.º 75 adquiriu-se mais uma moldura para o retrato a óleo do sócio benemérito Eng. Augusto Vieira da Silva, obra generosamente feita pelo nosso consócio o Pintor de Arte Sr. Albino Cunha e um busto de gesso e um medalhão de ferro fundido representando o Marquês de Pombal. A TODOS NOVAMENTE MUITO SE AGRADECE O TEREM CONCORRIDO PARA A MELHORIA DAS NOSSAS INSTALAÇÕES. Estão em curso a arrumação e catalogação das espécies bibliográficas arrumadas na estante recém-adquirida.

E. N.



Algumas Edições
da
CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA



Publicações do 8.º Centenário da Conquista da Cidade:

DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DE LISBOA — *Livro I de Místicos e Livro II del Rei D. Fernando; Livro I de Místicos de Reis e Livro II dos Reis D. Diniz, D. Afonso IV e D. Pedro I; Livro do Lançamento e Serviço que a Cidade de Lisboa fez a El-Rei Nosso Senhor no ano de 1565, 4 volumes; Livro I do Tombo das Propriedades Foreiras à Câmara desta mui insigne cidade de Lisboa, 2 volumes; Cabido da Sé, Sumários de Lousada...* (IX e último volume).

GRADES DE LISBOA — pelo Dr. *Jaime Lopes Dias*.

LISBOA — Oito Séculos de História — em 21 fascículos, sob a direcção de *Gustavo de Matos Sequeira* e com a colaboração literária de escritores da especialidade.

PLANTAS TOPOGRÁFICAS DE LISBOA — pelo Eng. *Augusto Vieira da Silva*.

S. JOÃO DE BRITO — pelo Dr. *Marinho da Silva*.

Outras Publicações Culturais:

CASAS DA CÂMARA DE LISBOA — por *Luís Pastor de Macedo* e *Norberto de Araújo*.

A CERCA FERNANDINA (2 vols.) — pelo Eng. *Augusto Vieira da Silva*.

COLECTÁNEA OLISIPONENSE (1.º vol.) — por *J. M. Cordeiro de Sousa*.

A CRUZADA — por *José Augusto de Oliveira*.

DISPERSOS (1.º vol.) — pelo Eng. *Augusto Vieira da Silva*.

FEIRAS E OUTROS DIVERTIMENTOS DE LISBOA — por *Mário Costa*.

A FREGUESIA DE S. CRISTÓVÃO (2 vols.) — por *Ferreira de Andrade*.

A FREGUESIA DE S. TIAGO (2 vols.) — por *Ferreira de Andrade*.

A FREGUESIA DE SANTA CRUZ DE ALCÁÇOVA DE LISBOA — por *Ferreira de Andrade*.

AS FREGUESIAS DE LISBOA — pelo Eng. *Augusto Vieira da Silva*.

O DRAMA DE GOMES LEAL — por *Mário Sampaio Ribeiro*.

ENSAIOS DE KANT A PROPÓSITO DO TERREMOTO DE 1755 — tradução do Dr. *Luís Silveira*.

HISTÓRIA DOS MOSTEIROS, CONVENTOS E CASAS RELIGIOSAS DE LISBOA (vol. 1.º).

INVENTÁRIO DE LISBOA (fasc. 1 a 12) — por *Norberto de Araújo*.

JARDINS E PALÁCIO DOS MARQUESES DE FRONTEIRA — por *Cassiano Neves*

D. JOÃO V — Conferências e Estudos Comemorativos do 2.º Centenário da Sua Morte (1750-1950).

LISBOA ANTIGA — O Bairro Alto (vols. 1.º e 2.º) — por *Júlio de Castilho*.

LISBOA VELHA — por *Sousa Bastos*, com anotações de *Gustavo de Matos Sequeira*.

O NOME DE LISBOA — por *Arlindo de Sousa*.

ORIGEM DE LISBOA — por *Arlindo de Sousa*.

REVISTA MUNICIPAL — da direcção do Dr. *Jaime Lopes Dias*.



Feira da Ladra

«Arquivo Pitoresco»

PASSA-SE em Julho próximo o centenário da publicação do primeiro fascículo do *Arquivo Pitoresco*. Não pode a família olisiponense ignorar um tal acontecimento nem omitir uma manifestação adequada.

Com a sua edição semanal, marca um lugar de grande destaque na imprensa portuguesa, dentro do curto tempo de vida que teve, 1857/1868. Nele se podem encontrar artigos literários e científicos, trechos históricos, narrativas de viagem, reportagem jornalística, poesia, passatempos. Podemos dizer uma revista enciclopédica e bastante notável na sua época. A sua colaboração registava nomes muito destacados, como os de Latino Coelho, António Feliciano de Castilho e Vilhena Barbosa.

Sob o ponto de vista gráfico, o seu aspecto reveste-se duma severa dignidade, adoptando para todas as composições um único tipo e no mesmo corpo. A gravura de madeira teve no *Arquivo Pitoresco* as suas mais belas expressões e quem quiser fazer uma ideia justa sobre este ramo da arte, encontra ali um vasto e elucidativo repositório.

Porém, foi no campo da Olisipografia que esta revista se tornou para nós verdadeiramente valiosa. Imagens da Lisboa de há cem anos estão ali pródigoamente representadas, imagens que o tempo ultrapassou com sucessivas transformações,

que dela fizeram uma cidade hoje tão diferente. Aspectos que a geração actual já não conhece, estão ali gravados, como a ponte de Alcântara, a fonte da Samaritana, o Passeio Público.

Os Serviços Culturais da C. M. L. que no curto espaço de vinte anos tanto tem enriquecido as bibliotecas olisiponenses com edições e reedições do maior interesse, podiam prestar o mais notável de todos os concursos ao Centenário do *Arquivo Pitoresco*, compilando deste, para reunir num só volume, todos os artigos e gravuras, respeitantes a Lisboa e seus arredores, facilitando assim aos estudiosos, a aquisição duma riquíssima fonte de esclarecimento, hoje já muito difícil de encontrar.

Esta tarefa não é impraticável, tanto mais que a C. M. L. com boa visão, possui já nos seus arquivos senão a totalidade, pelo menos uma boa parte das matrizes de madeira do *Arquivo Pitoresco*.

H. R.

O Chiado

JÁ que estamos a falar de centenários, recordemos que foi há cem anos que a Rua das Portas de Santa Catarina desapareceu como designação toponímica, passando a denominar-se Chiado todo o trecho da artéria desde o Largo do Loreto ou das Duas Igrejas até à confluência: Carmo-Almada.

Foi só em 1880 que oficialmente a mesma rua tomou o nome de Garrett, mas há que dizer, este grande vulto das letras não ganhou com a homenagem o verdadeiro alcance que lhe tinham querido dar, pois se a popularidade do nome Chiado avassalou o das Portas de Santa Catarina, não se deixou porém dominar pelo de Garrett. A tradição alfacinha teima e persiste em chamar Chiado àquela rampa da elegância lisboeta.

Razão tinha a Comissão Municipal, nomeada para estudar este assunto, em opinar que o nome de Garrett devia, de preferência, ser dado a uma nova artéria.

Há tantos casos semelhantes em Lisboa, em que a tabuleta diz uma coisa e o vulgo a trata por outra, como o Terreiro do Paço, as Portas de Santo Antão, a Rua do Ouro, a Rua dos Retroseiros, o Rossio, o Largo de S. Roque, o Largo da Abegoaria, a Calçada dos Cavaleiros, a Rotunda, a Calçada da Louça, a Travessa da Palha, a Rua do Arco do Bandeira.

Felizmente diga-se, nos últimos tempos várias designações tradicionais foram restituídas às respectivas artérias.

As pedreiras da Serra do Monsanto

NÃO é novidade nenhuma para ninguém que a construção civil da cidade de Lisboa, quando os prédios se faziam em alvenaria, com pedra de calcáreo, e a pavimentação das suas artérias, quando estas se calcetavam com basalto, era à Serra de Monsanto que se iam buscar estes dois materiais, dando ocasião a que ali se tivessem aberto crateras enormes.

A criação do Parque Florestal, bela iniciativa de Duarte Pacheco, cujas primeiras árvores ele próprio plantou em 1938, motivou, é claro, a cessação da actividade nas Pedreiras de Monsanto, mas as enormes crateras lá ficaram a desfear essa formosa floresta, que de dia para dia

se torna mais exuberante. Esses buracos abertos na rocha, têm na história criminal da cidade uma página tenebrosa, e ali se ocultavam vadios, mendigos e os que se esquivam à vida pelo trabalho honrado.

Exterminar de vez esses escenderijos e evitar que neles o crime tenha o seu refúgio, é uma tarefa que se impõe para dignidade da capital e para sossego de quem frequenta o Parque Florestal.

A cidade, que antes foi a Monsanto extrair os materiais de que carecia, é ela própria que está agora a pagar a sua dívida, indo lá tapar as cavernas que abriu, preenchendo-as com terras e entulhos.

Na vertente do Bairro do Alvito para o Vale de Alcântara, um pouco para norte do ponto onde se situou essa aldeia triste que se chamava a Estrangeira de Cima, havia uma das maiores cavernas de Monsanto, feia, negra, nódoa negra no meio da beleza do Parque Florestal. Essa está quase desaparecida. Dentro de poucos meses a superfície dessa cova profunda terá subido até ao nível do terreno em volta e não longe vem já o dia em que esse pedaço de aterro não esteja também coberto de arvoredo.

Aqui se deixa ficar esta notícia, não só pelo que ela contém de agradável para os presentes, mas para não deixar esquecer a vindouros, quando toda a superfície de Monsanto voltar a ser regular, que antes o não foi.

O culto de Santo António fora do País

É notório que em França, como em Itália, poucos são os templos religiosos onde se não presta culto especial e fervoroso a Santo António, o monge franciscano que nasceu para o apostolado e se venera lá fora sob a legenda de *Santo*

António de Pádua, que Leão XIII classificou *Il Santo di tutto il mondo* e que os italianos nomeiam mui simplesmente *Il Santo*. Um grande escritor italiano chamou a esse iluminado *António de Lisboa*, o *Santo de Pádua*, e o *Instituto e a Igreja de Santo António dos Portugueses*, em Roma, marcam bem a nacionalidade do Santo.

Lá fora, transposta a nossa fronteira, sabe bem encontrarmos qualquer coisa que lembre o nosso Portugal, sentindo-nos tocados de uma mística consoladora sempre que entramos numa Igreja e encaramos com a sugestiva imagem de Santo António.

Este ano, porém, recebemos uma impressionante surpresa com o que vimos na Catedral de Marselha, a cidade que levantou à Virgem a majestosa *Basílica de Notre Dame de la Garde*.

O grandioso templo dispõe apenas de dois altares laterais. No da direita apresenta-se um expressivo Jesus Cristo Crucificado e uma bela estátua de mármore de Carrara que representa Nossa Senhora da Piedade; e, no do lado oposto, altar exclusivamente dedicado ao nosso Santo Taumaturgo, numa placa marmórea de ex-voto, semelhante a tantas outras que rodeiam o Santo, neste e em todos os demais templos, lemos emocionados uma enternecedora inscrição, simples na aparência mas bem significativa para os portugueses, como nós nascidos nesta Lisboa que foi berço de Santo António, cidade magnífica que seria a mais bela se possuísse as monumentais edificações que nunca quisemos erguer.

RECONNAISSANCE
À ST ANTOINE DE PADOUE
POUR NOUS AVOIR SAUVÉ
DES MAINS DES ALLEMANDS
LE 25 AOÛT 1944
M. A. T.

Seja ou não entre nós uma notícia inédita, ela aqui fica, para divulgação do

facto, orgulho de nós todos, e alimento da fé dos devotos do Asceta Peregrino, Pregador Sagrado dos mais famosos, cuja vida e milagres o levaram à canonização, antes que decorresse um ano sobre o seu desprendimento da Terra.

Agosto de 1956.

M. C.

Calendários e cartões

DESTINA-SE esta secção do OLISIPO a arquivar ligeiros comentários e fugazes apontamentos, que, mesmo curtos e aparentemente sem importância, como às vezes podem parecer, não deixarão de contribuir a seu tempo para aclarar muita dúvida.

Nesta ordem de ideias, não é extemporâneo aludir aqui a um fenómeno que acusa reflexamente a incidência de uma das várias irradiações do culto que a olisipografia vem propagando a partir da acção dos «Amigos de Lisboa».

Ela tem feito sentir efeitos construtivos na literatura, no jornalismo, no teatro e no animatógrafo, na pintura e tem até contaminado outros sectores, que embora de índole diferente, vem buscar aos «Amigos de Lisboa» ideias e acções.

O facto porém a que agora queremos aludir é a adopção do assunto «Lisboa» como tema para ilustração de calendários e cartões de boas-festas, sintoma do interesse geral em torno do nosso movimento. Umavez com a reprodução de gravuras raras, outras com novas interpretações artísticas de aspectos conhecidos, tem-se feito por essa via uma desenvolvimento divulgação, tanto da cidade nova como da cidade velha.

Se entre centenas destas manifestações dadas à estampa nos últimos anos, algumas podem não merecer menção, outras há que se revestem de elevado mé-

rito. Uma delas — a que inspirou este comentário — merece efectivamente uma destacada palavra de apreço. Trata-se do cartão de saudações do Natal editado este ano pelo Banco de Portugal, que é uma preciosa peça de arte.

O rosto do impresso representa essa jóia da monumentalidade lisboeta, que é o portal manuelino da Igreja da Conceição Velha, em gravura a talho doce, numa das mais belas interpretações que temos visto, desse elemento, milhares de vezes gravado e fotografado, mas raras com igual felicidade. Muitos desses exemplares devem ter ido parar a mãos que os

confundiram com estampas e litografias, e esses estão perdidos ou rasgados. Porém para quem não ignore a cotação artística do talho doce, essa peça será guardada e emoldurada e não tardará em constituir uma raridade que se paga por bom preço nos antiquários.

Merece o Banco de Portugal, casa que sabe guardar tanto tesouros como tradições, que aqui se consigne uma palavra de justo louvor à fina sensibilidade dos seus serviços pelo valioso e perdurável contributo que acaba de prestar à iconografia lisbonense.

H. R.

Casa Batalha

FUNDADA EM 1635

ACÇÃO CULTURAL

durante o ano de 1956

COLÓQUIOS OLISIPONENSES

Janeiro

26 - Com a colaboração dos Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento, Eduardo Portugal e D. Maria de Lourdes Bartholo.

Fevereiro

23 - Com a colaboração dos Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento, Mário de Sampaio Ribeiro e Dr. Ferreira de Almeida.

Março

14 - Com a colaboração dos Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento, Jorge Rebelo e Mário de Sampaio Ribeiro.

Abril

26 - Com a colaboração dos Srs. Dr. Ferreira de Almeida, Eduardo Portugal e Drs. Luciano Ribeiro e Eduardo Neves.

Maiο

24 - Com a colaboração dos Srs. Drs. Ferreira de Almeida, Eduardo Neves, Mário Costa e Matos Sequeira.

Junho

21 - Com a colaboração do Sr. Prof. Doutor Costa Sacadura e D. Guida Keil.

Julho

12 - Com a colaboração dos Srs. Prof. Doutor Costa Sacadura, Doutor Eduardo Neves e Dr. Ferreira de Almeida.

Novembro

22 - Com a colaboração dos Srs. Dr. Ferreira de Almeida e Hugo Raposo.

CONFERÊNCIAS

Maio

- 17 - *O Império português e a capital*, pelo Sr. Coronel José Ribeiro da Costa Júnior.

EVOCAÇÃO DO CAFÉ TAVARES

Janeiro

- 14 - Ceia evocativa do Café Tavares, em que usaram da palavra os Srs. Matos Sequeira, Ramada Curto, Luís de Oliveira Guimarães e Augusto Pinto.

EXPOSIÇÕES

Fevereiro

- 27 - De *Roteiros e Guias de Lisboa*, organizado pelos Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento e Eduardo Portugal.

Março

- 17 - *Exposição Lisboa e o Caminho de Ferro*, organizado pelo Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento.

Maio

- 5 - *Exposição de Aguarelas*, da autoria da Sr.^a D. Berta Borges.

JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

Fevereiro

- 25 - Jantar de confraternização comemorativo do XX aniversário do Grupo, na Casa do Leão, no Castelo de S. Jorge, em que usaram da palavra os Srs. Pastor de Macedo, Dr. Eduardo Neves, Matos Sequeira, Prof. Dr. Celestino da Costa, Prof. Dr. Freitas Simões, Dr. Eugénio Mac-Bride, Mário de Sampaio Ribeiro, Padre José Correia da Cunha e Dr. José Leitão de Barros.

MARCO DO TERMO DE LISBOA

Abril

- 29 - A convite da Câmara Municipal de Sintra o Grupo associou-se à inauguração da recolocação dum Marco do Termo de Lisboa, em Massamá.

SESSÃO SOLENE

Abril

- 19 - Sessão solene de encerramento das comemorações do XX aniversário do Grupo em que usaram da palavra os Srs. Gustavo de Matos Sequeira, Alfredo Ferreira do Nascimento e Dr. Eduardo Neves. Presidiu o Sr. Luís Pastor de Macedo, secretariado pelos Srs. Eng. Teixeira Duarte, Dr. Eugénio Mac-Bride, Dr. Eduardo Neves e o Vereador Sr. Aníbal David.

VISITAS DE AGRADECIMENTO

Maio

- 20 - À sede da *Casa das Beiras*, organizadora dos cumprimentos trazidos à nossa sede, pelas *Casas Regionais* de Lisboa, em 15 de Abril, a agradecer aqueles cumprimentos.

VISITAS DE CUMPRIMENTOS

Abril

- 15 - Visita de cumprimentos, a propósito do nosso XX aniversário, à nossa sede, das direcções das *Casas Regionais*, com entrega de um pergaminho e uma taça.

VISITAS DE ESTUDO

Janeiro

- 29 - Ao *Lar Pensionato de Nossa Senhora da Vitória*, dirigida pelo Sr. Álvaro António da Silva.

Fevereiro

- 18 - À *Capela de Nossa Senhora de Monserrate e Fábrica de Sedas* de Francisco Soares da Silva, Lda., dirigida respectivamente pelos Srs. Hugo Raposo e Jorge Rebelo.

Março

- 10 - À *Fábrica de Malhas Simões & C.*, dirigida pelo Sr. Guilherme Simões.

Abril

- 29 - À *Necropole Dolménica* do Monte Abraão, dirigida pelo Sr. Prof. Dr. Joaquim Fontes.

Maio

- 6 - Às *Officinas de S. José*, dirigida pelo seu Director Sr. Padre Armando da Costa Monteiro.
- 27 - À *Fábrica depuradora de Óleo de Fígado de Bacalhau*, dirigida pelos Srs. Dr. António Amoroso e Abílio Ramos.

Junho

- 10 - A Santarém, a propósito da *Feira do Ribatejo*, com a colaboração da Comissão da Feira e do Sr. Júlio da Costa Pinto.
- 16 - Ao *Laboratório Sanitas*, dirigida pelo seu Director Sr. Dr. Francisco Cortez Pinto.

Julho

- 15 - A Tomar, a propósito da *Festa dos Tabuleiros*, com a colaboração da Comissão da Festa e do Sr. Major Figueiredo e Silva.
- 22 - Às instalações dos *Inválidos do Comércio*, dirigida pelo Sr. Branco Marques.
- 29 - Às instalações da *Câmara Municipal de Oeiras, Igreja Paroquial, Capela de Santo Amaro e Quinta do Marquês de Pombal*, dirigidas, respectivamente, pelos Srs. Conde de Rio Maior, Barjona de Freitas e Jaime Atias.

Agosto

- 5 - À *Igreja de Santa Catarina*, dirigida pelo Sr. Ferreira de Andrade.

Novembro

- 17 - Ao *Arquivo Histórico Militar*, dirigida pelo seu Director Sr. Coronel Faria de Morais.

Dezembro

- 16 - Ao *Museu de Arte Popular*, dirigida pelo Sr. Eng. Vasco Viana.

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital realizado Esc. 200.000.000\$00

Reservas Esc. 96.000.000.\$00

RUA DO COMÉRCIO, 95 A 119

LISBOA

Filiais - Porto, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada.

Agências - Abrantes, Alferrarede, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Mangualde, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, São João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Vila Franca de Xira.

Dependências urbanas:

LISBOA - Alcântara, Almirante Reis, Belém, Benfica, Camões, Campolide, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque Saldanha, Praça de Londres e Belém.

PORTO - Carvalhido, Costa Cabral e Matosinhos.

T O D A S A S O P E R A Ç Õ E S B A N C Á R I A S

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



VÁRIA

	PREÇOS	
	Sócios	Público
Evocação do Café Martinho		esgotado
Noite de evocação do Leão de Ouro	13\$50	15\$00
Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins		esgotado
A Cor de Lisboa	13\$50	15\$00
Olisipos (alguns números esgotados) cada	18\$00	20\$00
Evocação do Café-Restaurante Tavares	4\$00	5\$00
Jantar de Confraternização na Casa do Leão	4\$00	5\$00

A. VIEIRA DA SILVA

O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa	13\$50	15\$00
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa	13\$50	15\$00

ALFREDO DA CUNHA

Olisipo berço do periodismo português	13\$50	15\$00
----------------------------------------------	--------	--------

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão	13\$50	15\$00
O Campo de Santa Clara... ..	13\$50	15\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha	9\$00	10\$00
Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00

AUGUSTO CASIMIRO

Lisboa Mourisca	18\$00	20\$00
------------------------	--------	--------

EDUARDO NEVES

Ruínas do Carmo		esgotado
Igreja da Penha de França		»

Faculdade de Medicina		esgotado
Lisboa nos Ex-Libris		>
Lisboa na Numismática e na Medalhística		>
O Convento dos Barbadinhos Italianos		>
Do Sítio do Intendente		>
Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa... ..		>
Alocuções	13\$50	15\$00
Homenagem a Matos Sequeira... ..	13\$50	15\$00
Um Arcebispo-Primaz natural de Lisboa	13\$50	15\$00

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas	9\$00	10\$00
--------------------------------	-------	--------

FERREIRA DE ANDRADE

Relação das casas foreiras... ..	22\$50	25\$00
O Senado da Câmara e a Guerra Civil	27\$00	30\$00
Três Touradas no Terreiro do Paço	13\$50	15\$00
Palácios Reais de Lisboa	45\$00	50\$00
Do Convento de N. Senhora de Jesus		esgotado
Guia do Olisipo n.ºs 1 a 11 cada	7\$50	8\$00
» » » n.ºs 12 a 15 cada	9\$00	10\$00
Visite Lisboa	64\$00	70\$00
Vinte e cinco anos na vida duma capital	54\$00	60\$00
Portugal País de Turismo, 2.º, 3.º e 4.º vols. cada	135\$00	150\$00

FRANCISCO CORDEIRO BLANCO

Alguns desenhos inéditos de Lisboa do fim do Século XVIII	13\$50	15\$00
------------------------------------------------------------------	--------	--------

GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém	18\$00	20\$00
----------------------------------------------	--------	--------

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João	9\$00	10\$00
Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Casas onde em Lisboa residiu Almeida Garrett... ..		esgotado
----------------------------------------------------	--	----------

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

HUGO RAPOSO

Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ...	9\$00	10\$00
-----------------------------------------------------------------	-------	--------

J. S. VIEIRA

O Convento dos Marianos		esgotado
--------------------------------	--	----------

JOÃO MONTEIRO

Estrada de Sacavém	27\$00	30\$00
---------------------------	--------	--------

JOAQUIM ROQUE DA FONSECA

A Urbanização de Lisboa	18\$50	15\$00
--------------------------------	--------	--------

JOSÉ SEBASTIÃO SALDANHA OLIVEIRA E DAUN

Relação histórica (resumida) das cavalladas do Terreiro Real que se fez na Corte da cidade de Lisboa em 1795		esgotado
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	----------

JULIETA FERRÃO

Lisboa 1870		esgotado
--------------------	--	----------

LUÍS MOITA

A Ermida de Santo Amaro... ..		esgotado
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses	5\$00	7\$50

LUIZ PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina	6\$70	7\$50
A Rua das Canastras	7\$20	8\$00
Críticas, Correções e aditamentos à «Lisboa de ontem e de hoje» do Sr. Paulo Freire	9\$00	10\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da Freguesia da Sé	9\$00	10\$00
Ascendentes de Camilo	13\$50	15\$00

LUÍS TEIXEIRA

O «Diário de Notícias» e o Século XIX	4\$50	5\$00
----------------------------------------------	-------	-------

LUÍS TRINDADE

Janelas de Alfama	18\$00	20\$00
--------------------------	--------	--------

MANUEL VICENTE MOREIRA

Jardins de Lisboa e Porto		esgotado
O Problema da Habitação	27\$00	30\$00

MÁRIO COSTA

Da Rua Nova à Rua dos Capelistas	18\$00	20\$00
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra	9\$00	10\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Foro da Escola Politénica	9\$00	10\$00

MÁRIO SAMPAIO RIBEIRO

Igreja da Conceição Velha... ..	esgotado	
A Igreja e o Convento da Graça		
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St. ^a Maria de Belém	45\$00	50\$00
Calçada da Ajuda		esgotado

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia a S. Vicente... ..	9\$00	10\$00
---------------------------------------	-------	--------

ROBERTO DIAS COSTA

A Paroquia de S. Jorge de Arroios		esgotado
------------------------------------------	--	----------

RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina	9\$00	10\$00
-----------------------------------------------------------------------------------------	-------	--------

RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... ..	45\$00	50\$00
-------------------------------------------------------------	--------	--------

TINOP

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols.... ..	cada	13\$50	15\$00
-----------------------------------------------	------	--------	--------

Pérola do Rossio

Limitada

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas

para

Todo o País e Estrangeiro

Rossio, 105 • Lisboa • Telef. 20744

OURO, PRATA E JOIAS
BARATISSIMAS

Grande sortido de objectos de ouro em 2.^a mão só pelo peso

VENDE

a Antiga Ourivesaria

MIGUEL A. FRAGA, L.^{DA}

Pavilhão dos Ourives - Largo Martim Moniz, Loja 18 - Tel. 285 03 - LISBOA

**Casa
Maciel,
Lda.**

CASA FUNDADA EM 1810

Premiado nas exposições de Rio de Janeiro 1922, Barcelona 1929, e Industrial Portuguesa

*FABRICANTE DE
LANTERNAS
em todos os estilos*

Sortido completo em louças, folha de Flandres, ferro esmaltado, alumínio, Porcelanas, vidros e artigos de ménage

Tel. 2 24 51

63, Rua da Misericórdia, 65 - LISBOA



E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES
MARÍTIMOS
E AÉREOS

CARVAO, SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(Industriais, etc.)
EXPORTAÇÕES
IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

ALBANO DE SOUSA & BARBOSA, LDA.

**PAPELARIA
LIVRARIA**

Material Escolar / Equipamento para Escritório / Grande sortido em canetas e lapiseiras das melhores marcas / Assistência Técnica / Sortido sem paralelo em Álbuns para Fotografias

Visite a nossa casa (50 anos de existência)

INSTALAÇÃO PROVISÓRIA

Largo Martim Moniz - Pavilhão das Ourivesarias - Loja n.º 2 - LISBOA

OURIVESARIA DA GUIA

fundada em 1875

**JOIAS - OURO
PRATA - RELÓGIOS**

R. Martim Moniz, 2-10 - R. da Mouraria, 7-11 - Tel. 28336 - LISBOA

A

LEGAL & GENERAL

*agradece aos
«AMIGOS DE LISBOA»
a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros*

Capital e Reservas:

220 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA



CASA DOS PNEUS

PNEUMÁTICOS E CÂMARAS D'AR
PARA AUTOMÓVEL E CAMION
ACESSÓRIOS DE AUTOMÓVEIS
RECAUCHUTAGEM · RECHAPAGEM

IMPORTANTE SECÇÃO DE
ARTIGOS DE BORRACHA
ALMOFADAS E COLCHÕES
EM ESPUMA DE BORRACHA

126, RUA DA PRATA, 132

Telef. 2 16 45

SOCIEDADE GERAL

DE

COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TRANSPORTES

CARREIRAS REGULARES

DE:	PARA:	PARTIDAS:
Metrópole.....	Cabo Verde e Guiné.....	Dias 10 e 25 de cada mês
Metrópole.....	S. Tomé e Príncipe e Angola.....	Mensais
Norte de Europa	S. Tomé e Príncipe, Matadi e Angola	De 21 em 21 dias
Anvers	Portugal	Quinzenais

SERVIÇOS PERMANENTES

Transporte de fosfatos do Norte de África e de pirites do Pomarão / Tramping
 Consignações / Trânsitos / Serviços de reboques fluviais e de alto mar
 Lanchas / Fragatas / Batelões.

FROTA PRINCIPAL

TON.	TON.	TON.
n/m «África Ocidental» 1.560	n/m «António Carlos» 2.974	n/v «Costeiro» ... 900
n/m «Alcobaça» 9.588	n/m «Arroios» 9.558	n/m «Costeiro Terceiro» 1.426
n/v «Alcoutim» 10.526	n/m «Belas» 7.259	n/m «Covilhã» 1.376
n/m «Alenquer» 9.588	n/m «Borba» 7.259	n/v «Foca» 2.060
n/m «Alexandre Silva» 3.215	n/m «Braga» 7.224	n/m «Manuel Alfredo» 3.600
n/v «Alferrarede» 2.118	n/m «Bragança» ... 7.224	n/v «Maria Amélia» ... 3.005
n/m «Alfredo da Silva» 3.643	n/m «Cartaxo» 1.376	n/v «Mello» 6.253
n/m «Almeirim» 9.588	n/m «Colares» 1.376	n/m «Rita Maria» 3.458
n/m «Ambrizete» 9.245	n/m «Conceição Maria» 2.974	n/m «São Macário» ... 1.221
n/m «Ana Mafalda» ... 3.643	n/m «Coruche» 1.376	n/v «Saudades» 6.430
n/m «Andulo» 9.245		n/v «Zé Manel» 1.240

Total 151.558 Ton.

FROTA AUXILIAR

7 Rebocadores, 5 Lanchas a motor, 33 Batelões, 25 Fragatas, 1 Barca de água,
 1 Draga e 5 Batelões de dragadas.

EM CONSTRUÇÃO NOS ESTALEIROS DA C. U. F.

4 navios de 800 T., com motores de 650 HP., para serviço costeiro;
 2 navios de 320 T., com motores de 500 HP., para transporte de carga e passageiros
 no serviço de cabotagem na Província de Cabo Verde.

CARGA E EXPEDIENTE

LISBOA – Rua do Comércio, 39	PORTO – Rua Sá da Bandeira, 82
Telef. 2 63 14/5	Telef. 2 73 63
Teleg. GERAL	Teleg. SABÕES

Esta é a companhia portuguesa que tem ao serviço mais navios construídos em Portugal, nos Estaleiros da Companhia União Fabril, no Barreiro e em Lisboa

Restaurante
TAVARES

O mais Antigo, Tradicional e
Luxuoso Restaurante de Lisboa

R. da Misericórdia, 35-39
Tel. 211 11/2 — LISBOA

Angelo G. Ramalheira

ENGENHEIRO CIVIL

Construções

Projectos de Estabilidade

Betão Armado



Avenida Sidónio Pais, 14, r/c.-E. — Tel. 493 13
LISBOA

Praça D. Filipa de Lencastre, 22, 6.º — Tel. 262 51
PORTO



OFICINAS
GRAFICAS

Ramos, Afonso & Moita

L I M I T A D A

Composição manual e mecânica. Impressão rápida. Encadernação
Livros, Revistas, Magazines, Impressos comerciais e burocráticos
Livraria. Papelaria

R. Voz do Operário, 8 a 16

LISBOA

S. Vicente de Fora

CASA PIA ATLÉTICO CLUBE

CONSTITUÍDO exclusivamente por ex-casapianos, o «Casa Pia Atlético Clube», fundado em 3 de Julho de 1920, ainda hoje e considerado um dos mais sólidos baluartes do Desporto puro, visto pelo lado do verdadeiro amadorismo.

Nas suas fileiras militaram nomes cheios de prestígio, qual deles o mais importante no já longo historial do Desporto Português

Ao princípio, quando se fundou, o «Casa Pia» era um dos maiores entre os grandes: mas, depois, viu-se forçado a deixar passar à frente outras agremiações de maiores possibilidades financeiras, sem nunca, no entanto, deixar de contribuir com importantíssima quota-parte para o prestígio e valorização do Desporto Nacional

Sempre amparado nas mais sinceras e desinteressadas dedicações, o «Casa Pia» tem inclusivamente lutado com o próprio Destino; e cada palmo de terra do seu Estádio de Pina Manique é um testemunho da maravilhosa mística casapiana que nunca volta a cara quando é necessário trabalhar ou pugnar pela sobrevivência do seu querido clube.

Esta vontade inquebrantável, este «querer» que tantos impossíveis tem tornado possíveis, ainda hão-de conseguir que o «Casa Pia» volte, no futuro, a ocupar o lugar a que lhe dá direito o seu prestigioso passado.



SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açúcar em

LUABO

e

MARROMEU

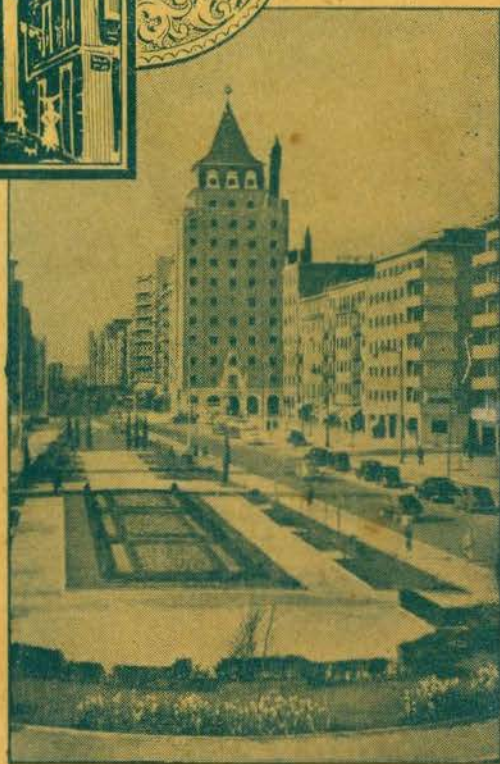
PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

NA LISBOA
DE ONTEM



E

NA LISBOA
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

BENZO-DIACOL